

não vou negar

**artes visuais, território e
música sertaneja**

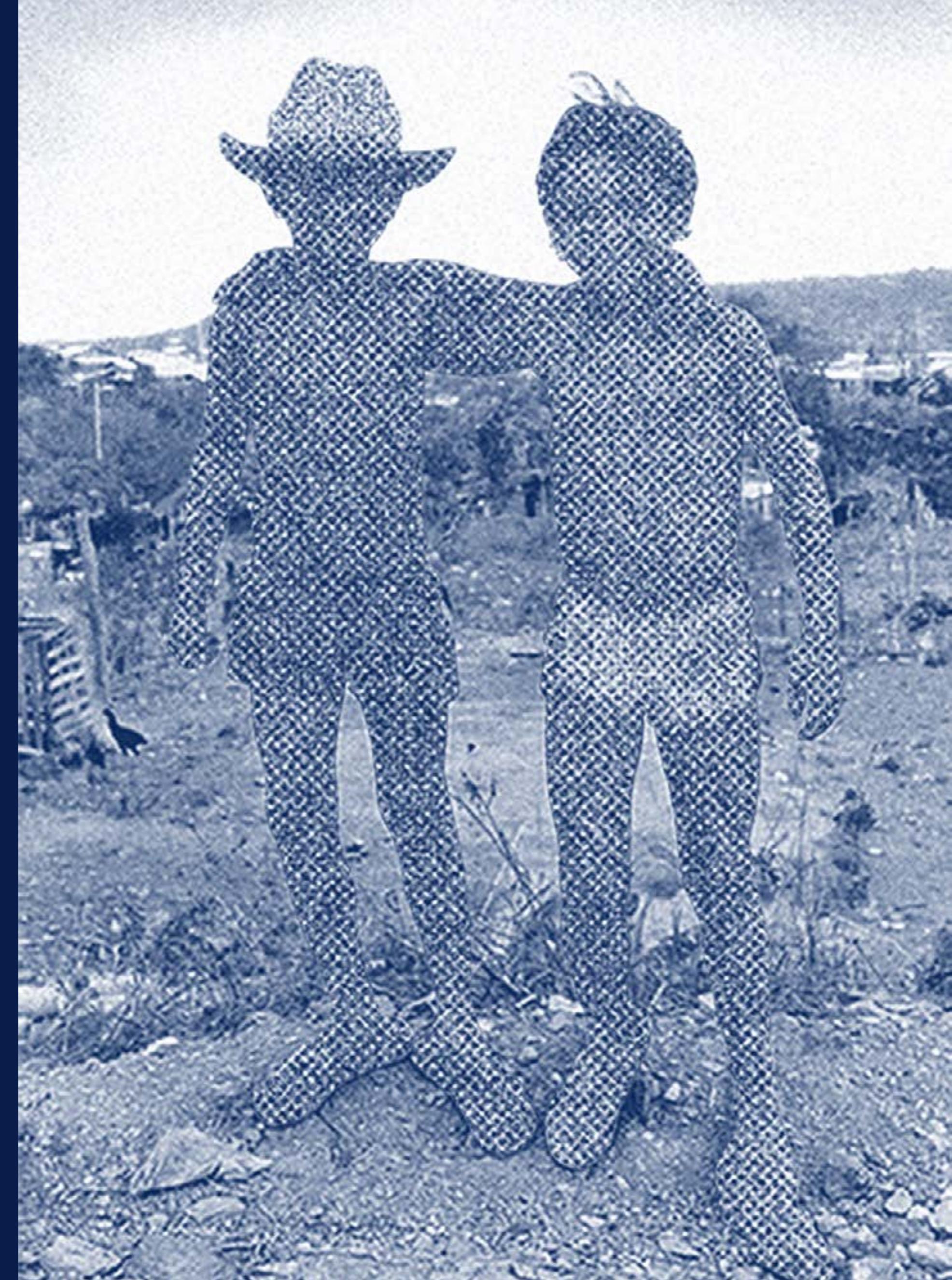
orgs.

benedito ferreira

bia menezes

paulo duarte-feitoza

Cegraf UFG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora
Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor
Jesiel Freitas Carvalho

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Luana Cássia Miranda Ribeiro

Diretoria de Culturas e Artes
Francisco Guilherme de Oliveira Junior

CCUFG

Diretora do Centro Cultural UFG
Maria Tereza Gomes da Silva

Coordenador de Programação de Artes Visuais
Paulo Duarte-Feitoza

Coordenadora de Programação de Música e Artes Cênicas
Consuelo Quireze Rosa

Coordenador Técnico do Teatro, Ações Culturais e Comunicação
João Victor dos Santos

Coordenadora Administrativa
Luciana de Miranda Bossois Rosa

Assistente Administrativo
Renato Malta

Auxiliar de Assuntos Educacionais
Dorivan Borges Filho

Cenotécnico
Thiago de Lemos Santana

Técnico de Iluminação
Everson Alcântara

Produtor Cultural
Lucas Lustosa de Brito

Assistentes de Artes Visuais
Elis de Oliveira Mendonça
Stella Vitória Vieira de Urzedo

Estagiárias de Assessoria de Comunicação e Social Media
Júlia Amorim de Souza
Iasmin Feitosa Vitorino Serafim

Estágio em Artes Visuais
Ana Gabriela Ferreira Rosa
Bruna Torres de Assis
Daniel Otávio Alves Neres
Giovanna Campos Dominici
Lui Santos Veiga
Nicolas Alves Montefusco - FUNDAHC
Rafaela Amaya Barbosa
Raíssa Ramos dos Santos

Apoio CCUFG
Daniel Galdino da Silva
Telma Rodrigues Martins
Maria Aparecida Siqueira Santos

EXPOSIÇÃO

não vou negar
artes visuais, território e
música sertaneja

Curadoria
Paulo Duarte-Feitoza

Montagem
Cleandro Elias Jorge

Design Gráfico
Bia Menezes

Produção Artística
Júnior Luale

Pesquisa
Laboratório de Curadoria (FAV/UFG/CNPq)
Paulo Duarte-Feitoza
Benedito Ferreira
Emilliano Freitas

Comunicação
João Victor dos Santos
Lucas Lustosa de Brito
Júlia Amorim de Souza
Iasmin Feitosa Vitorino Serafim

Assessoria de Comunicação
Cristina Mattos

Iluminação
Everson Alcântara

Produção Geral
Paulo Duarte-Feitoza

Assistentes de Produção
Elis de Oliveira Mendonça
Stella Vitória Vieira de Urzedo

não vou negar

artes visuais, território e música sertaneja

centro cultural UFG
goiânia, goiás, brasil
14/5 a 19/7/2025

orgs.
benedito ferreira
bia menezes
paulo duarte-feitoza

Cegraf UFG

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Alison Cleiton de Araújo (UFG)
Dr. Bruno Abdala Vieira Di Coimbra (UFG)
Dra. Flávia Leme de Almeida (UFG)
Dr. Glayson Arcanjo Sampaio (UFG)
Dr. João Paulo Oliveira Huguenin (UFG)
Dr. Tadeu Ribeiro Rodrigues (UERJ)

CATÁLOGO

Organização

Benedito Ferreira
Bia Menezes
Paulo Duarte-Feitoza

Textos

Luana Cássia Miranda Ribeiro
Maria Tereza Gomes da Silva
Paulo Duarte-Feitoza
Benedito Ferreira
Emilliano Alves de Freitas Nogueira

Fotografias

Júlio Abreu
Páginas 74-77

Mayara Varalho
Página 137

Paulo Rezende
Páginas 32, 35, 40, 42-46, 48, 51, 53, 57-60,
64-66, 71-73, 80, 84, 88-91, 99

As demais fotografias foram cedidas pelos
artistas e Centro Cultural UFG

Design Gráfico

Bia Menezes

FICHA CATALOGRÁFICA

DOI: <https://doi.org/10.63756/CegrafUFG.NAO.ebook.978-85-495-1271-0/2025>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Não vou negar [livro eletrônico] : artes visuais,
território e música sertaneja / orgs.
Benedito Ferreira, Bia Menezes, Paulo
Duarte-Feitoza. -- 1. ed. -- Goiânia, GO :
Cegraf UFG, 2025.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-495-1271-0

1. Arte contemporânea 2. Goiás (Estado) - Vida
social e costumes 3. Música sertaneja - Brasil -
História I. Ferreira, Benedito. II. Menezes, Bia.
III. Duarte-Feitoza, Paulo.

25-321163.0

CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos
700.74

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

não vou negar

artes visuais, território e música sertaneja

curadoria

paulo duarte-feitoza

artistas

ana flávia marú
antônio poteiro
barranco ateliê
benedito ferreira
camila e thiago
cássia nunes
chico silva

diego oliveira
divino diesel
d.j. oliveira
elinaldo meira
emilliano freitas
glauco gonçalves
isabella brito

manoel gomes
nazareno confaloni
octo marques
paulo fogça
pitágoras
rafael de almeida
renato reno

robin macgregor
rossana jardim
sáida cunha
samuel costa
siron franco
talles lopes
verônica santana

sumário

- 7 **música sertaneja na universidade**
luana cassia miranda ribeiro
- 8 **paisagem sonora**
maria tereza gomes da silva
- 10 **na rua, na galeria**
paulo duarte-feitoza
- 16 **todos os cantos**
paulo duarte-feitoza
- 19 **uma exposição sobre sertanejo antes que um sudestino faça**
benedito ferreira
- 22 **evidências entre arte e música sertaneja**
emilliano alves de freitas nogueira
- 30 **um caso complicado de se entender**
paulo duarte-feitoza
- 110 **ações de ativação**
- 123 **minibios dos artistas**
- 136 **agradecimentos**

música sertaneja na universidade

A Universidade Federal de Goiás, por meio da sua Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, tem no Centro Cultural UFG um espaço vivo de encontro entre saberes, linguagens e expressões artísticas. A exposição "Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja" é mais um exemplo dessa vocação de diálogo, que conecta a universidade com a cultura popular e com os múltiplos territórios que formam nossa identidade.

Ao propor um olhar crítico e sensível sobre a música sertaneja — um dos mais potentes fenômenos culturais do nosso Estado e do País — esta mostra nos convida a revisitar memórias, afetos e contradições que atravessam o imaginário coletivo. E o faz de forma generosa: reunindo artistas de diferentes gerações e trajetórias, compondo um retrato visual que ultrapassa estereótipos e amplia nosso entendimento sobre as relações entre arte e o território como elementos da cultura.

Para a UFG, participar dessa construção é motivo de grande orgulho. Somos uma instituição que reconhece, valoriza e promove a cultura em suas mais diversas manifestações. Cada nova exposição no CCUFG reafirma nosso compromisso com uma política cultural democrática, que aproxima a universidade da sociedade e fortalece os vínculos com a nossa história e com o presente.

Agradecemos a todos os artistas, curadores, parceiros e à equipe do CCUFG que tornaram possível esta realização.

Luana Cássia Miranda Ribeiro
Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Universidade Federal de Goiás

paisagem sonora

O Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás, espaço vivo de experimentação e reflexão, consolida seu papel como um dos polos mais importantes da cena artística de Goiânia ao receber, entre os dias 13 de maio e 28 de junho de 2025, a exposição *Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja*. Comprometido com a arte contemporânea e com a valorização de produções que exploram linguagens, territórios e identidades, o CCUFG se destaca como lugar de encontro entre artistas, pesquisadores e o público, acolhendo debates relevantes para a cultura brasileira atual.

Tomado de empréstimo da conhecida canção dos irmãos Zezé Di Camargo & Luciano, o título da mostra anuncia seu ponto de partida. Trata-se de uma investigação sobre as reverberações da música sertaneja na produção artística contemporânea. A exposição reúne obras de 30 artistas, entre nomes consagrados e emergentes, vivos e falecidos, compondo um amplo retrato da criação visual atravessada pelas sonoridades e contradições do universo sertanejo.

A curadoria é assinada por Paulo Duarte-Feitoza, pesquisador, professor da Faculdade de Artes Visuais da UFG e coordenador das galerias de artes visuais do CCUFG. O percurso proposto pela mostra dialoga com as diversas fases e inflexões da música sertaneja, das raízes caipiras às expressões mais atuais, compreendendo-a como linguagem estética e como dispositivo simbólico que questiona noções de território, pertencimento e identidade.

Merece destaque a ampla programação de ações de ativação da exposição, que busca ampliar o diálogo com o público e com o campo da pesquisa em artes visuais. No dia 16 de maio, será realizado um encontro com os pesquisadores Paulo Duarte-Feitoza, Benedito Ferreira e Keith Tito, dedicado à obra do artista goiano Samuel Costa. A atividade integra a programação da 23ª Semana Nacional de Museus, em parceria com o Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), e propõe um diálogo entre pesquisa, memória e artes visuais. No dia 7 de junho, será realizada uma visita guiada com o

curador, voltada ao aprofundamento do público nos percursos conceituais que estruturam a mostra. Já no dia 26 de junho, acontece a audição *Quando a música sertaneja escuta os animais?*, organizada pelas artistas Cássia Nunes e Ana Flávia Marú. A atividade propõe uma escuta coletiva de canções que abordam a presença de animais no repertório sertanejo, com foco nas relações entre som, natureza e as radicais transformações da sociedade.

No dia 1º de julho, será realizada a mesa-redonda *É hora de parar com a presepada: mulheres na música sertaneja*. O sertanejo também é feminino, e tem muita história a ser contada. O CCUFG recebe a pesquisadora, roteirista e cineasta Fabiana Assis, a cantora Duda Rocha e a pesquisadora Adrielly Campos para uma conversa sobre representatividade, mídia e protagonismo das mulheres na música sertaneja. Em pauta, a construção do chamado *femejão*, seus avanços, limites e disputas simbólicas. Encerrando a programação, no dia 18 de julho, abriremos o microfone para celebrar com um

karaokê coletivo e lançar o catálogo digital e gratuito da exposição, organizado por Paulo Duarte-Feitoza, Benedito Ferreira e Bia Menezes.

Ao reunir obras provocativas e fomentar ações que estimulam a escuta crítica e o pensamento expandido, *Não vou negar* reafirma a vocação do CCUFG como agente ativo na articulação entre arte, território e pensamento contemporâneo. Mais do que um espaço expositivo, o espaço se estabelece como uma plataforma de experimentação e diálogo, essencial para a produção cultural da cidade de Goiânia e para o fortalecimento das artes visuais no Brasil.

Maria Tereza Gomes da Silva

Coordenadora Geral do Centro Cultural UFG
Universidade Federal de Goiás

na rua, na galeria

A programação de artes visuais do Centro Cultural UFG tem como missão promover o encontro entre arte, pesquisa e extensão universitária, afirmando a vocação pública da universidade como agente formador, crítico e culturalmente enraizado em seu território. Trata-se de compreender as exposições não apenas como eventos isolados, mas como processos contínuos de construção de conhecimento, de formação de públicos e escuta das urgências do presente.

Nesse sentido, o CCUFG se distingue de outras instituições expositivas por sua inserção acadêmica e por sua capacidade de articular criação artística e pensamento curatorial com práticas pedagógicas e sociais. A programação busca refletir a complexidade do território e do tempo presente, abrindo espaço para a diversidade de linguagens, experiências e perspectivas que atravessam o campo das artes visuais contemporâneas.

A exposição *Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja* insere-se nesse projeto institucional como uma realização singular. Fruto de uma ampla pesquisa curatorial, a mostra propõe, de forma inédita no Brasil, um mergulho nas dimensões estéticas, políticas e simbólicas da música sertaneja. Ao reunir trinta artistas de diferentes gerações, cujas obras dialogam com esse universo cultural, a exposição expande os limites do que se convencionou entender como arte e propõe novas formas de ler o território, a paisagem, a música e as contradições brasileiras.

Ao acolher um projeto dessa envergadura, o CCUFG reafirma seu compromisso com práticas curatoriais críticas e com o fortalecimento de perspectivas que pensam o Brasil a partir do Centro-Oeste.

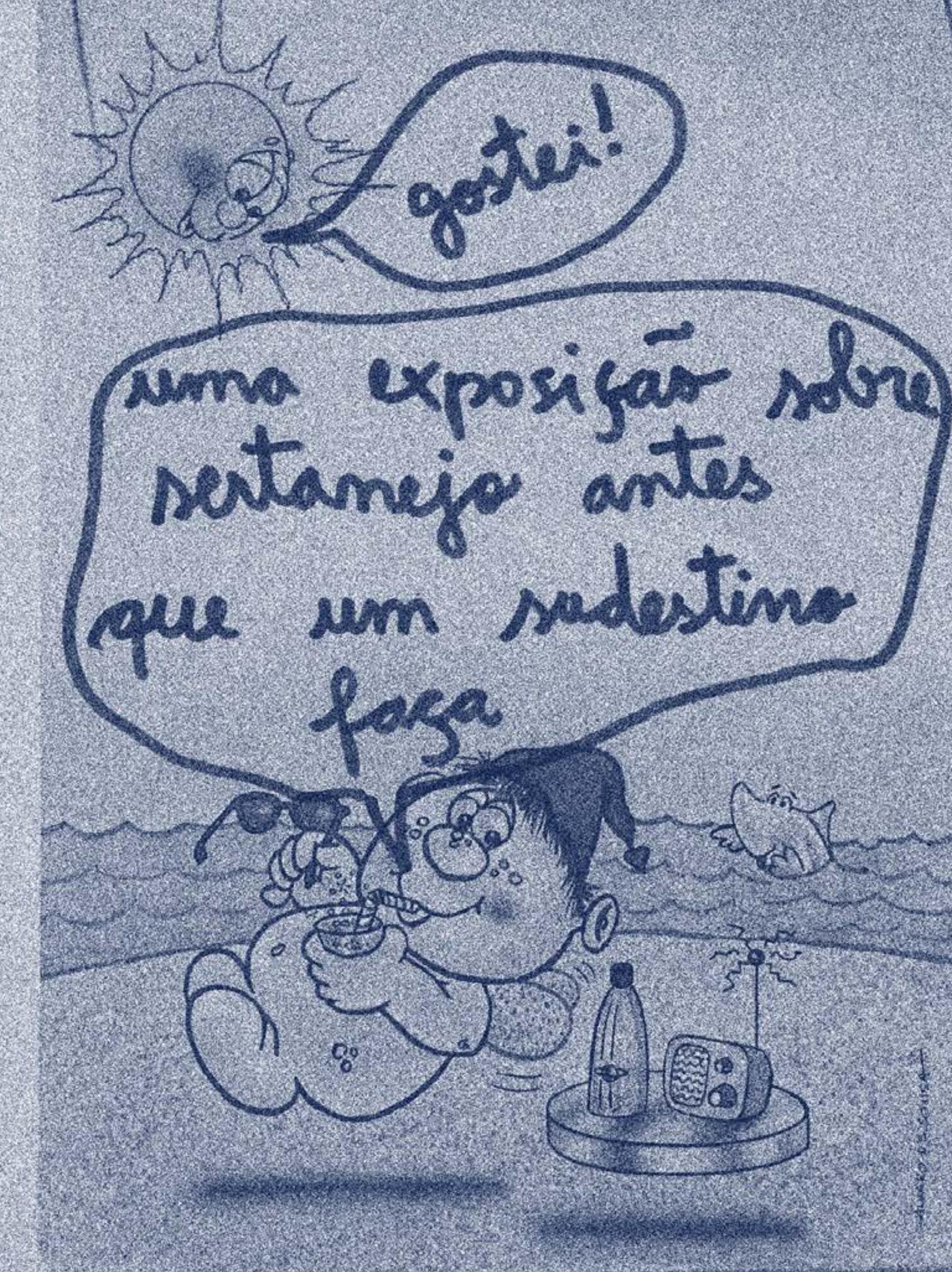
Paulo Duarte-Feitoza

Coordenador de Artes Visuais
do Centro Cultural UFG

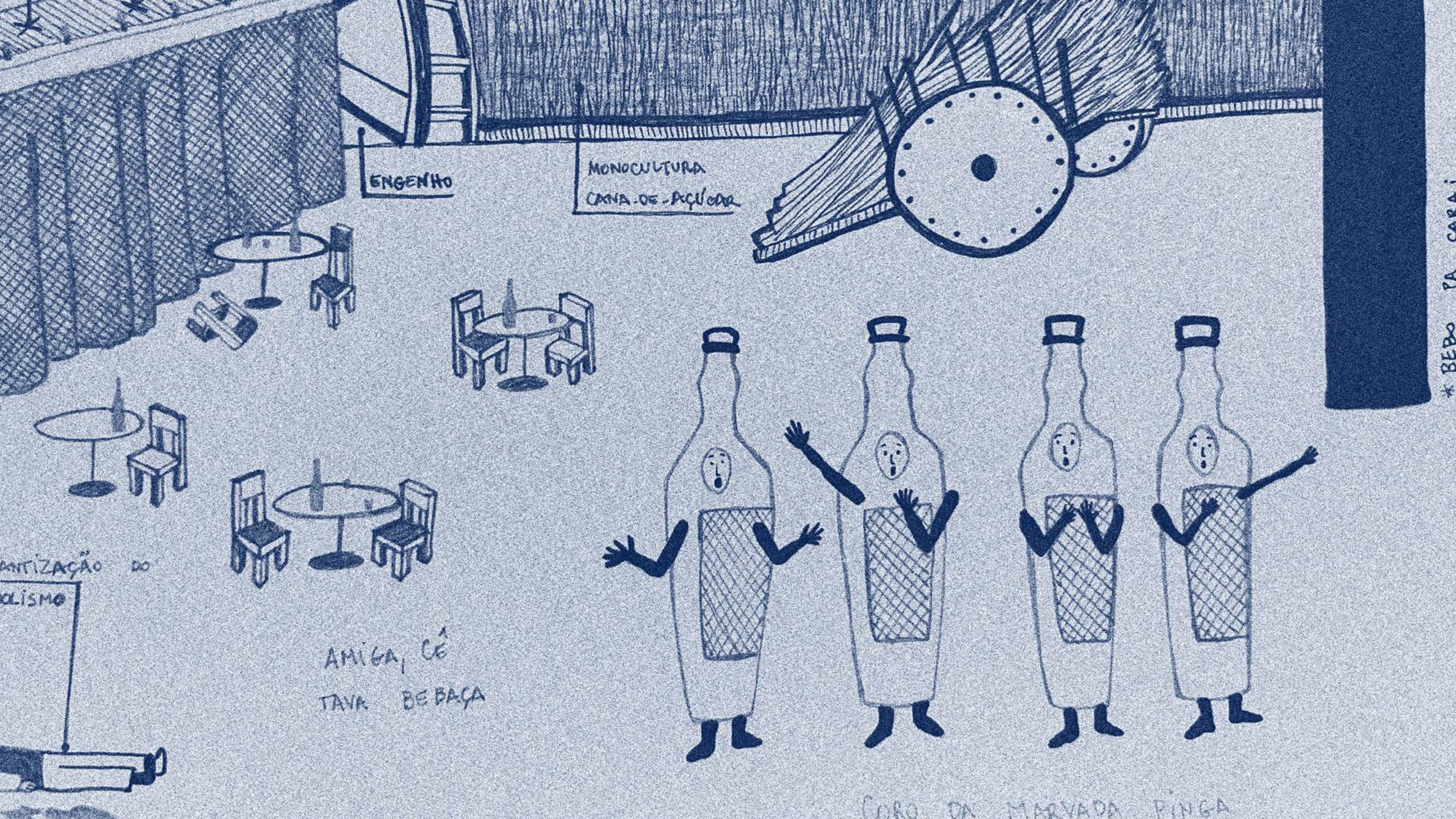
Universidade Federal de Goiás











todos os cantos

Não me lembro da primeira vez que ouvi música sertaneja, mas sei que três mulheres fazem parte dessa história. As viagens pelo interior de Goiás com minha avó, Amélia, por Ceres, Rialma, Campinorte, Uruaçu, Pilar de Goiás e Santa Terezinha de Goiás, foram acompanhadas pela voz de Roberta Miranda. As festas da minha mãe, Eliane, sempre regadas a uma mistura de sons em que Maria Bethânia, Marina Lima, Raul Seixas, Chitãozinho & Xororó, Gian & Giovani e Leandro & Leonardo coexistiam sem hierarquia ou distinção. E a paixão incondicional da minha tia Elaine pelos irmãos Zezé Di Camargo & Luciano, cujas músicas embalavam todos os encontros organizados por ela.

Em 2019, depois de mais de vinte anos fora do Brasil, voltei a viver em Goiás. O retorno reorganizou muitas coisas em mim, entre elas, minha escuta. Reencontrei a música sertaneja, que marcara minha infância e minha memória, não apenas como pano de fundo do território, mas também nos encontros familiares, nas feiras, nos restaurantes, nos bares e nos mais

diversos cantos da cidade, e, sobretudo, nas pessoas. Foi nesse reencontro que passei a ouvir e a olhar para o gênero de outra forma: como campo de força, espelho, linguagem e conflito.

Essas memórias, que atravessam minha infância e meu retorno a Goiás, foram também um ponto de partida para a pesquisa. Percebi que a música sertaneja não habitava apenas os espaços privados da família ou as festas do interior, mas compunha o imaginário coletivo, insistente e difuso, que ecoava em todos os cantos¹. Escutá-lo de novo, agora com outros ouvidos, foi reconhecer que ali havia não só uma trilha afetiva, mas também um campo de tensões capaz de provocar perguntas urgentes. Nesse processo, o encontro com artistas, pesquisadores, colecionadores e amigos foi decisivo: suas vozes, experiências e reflexões ampliaram

¹ Resgato neste texto a força simbólica do título “Todos os Cantos”, projeto musical e filme documentário da cantora Marília Mendonça que consistia em shows surpresa e gravações de músicas novas em capitais do Brasil.

minha escuta e deram corpo ao desejo de transformar o gênero em questão curatorial.

A música sertaneja continua a liderar o cenário nacional, como mostram dados recentes. A dupla Henrique & Juliano, por exemplo, é a única brasileira com álbum entre os 200 mais ouvidos no mundo pelo Spotify; seu projeto *Manifesto Musical 2* chegou à 80^a posição em agosto de 2025². No Brasil, eles se destacam como os artistas mais ouvidos por impressionantes 198 semanas consecutivas no topo do ranking "Artistas 25" da Billboard Brasil. Além disso, Ana Castela, hoje com 23 anos, foi nomeada embaixadora da 70^a Festa do Peão de Barretos, símbolo da cultura sertaneja que reafirma a força das novas vozes do gênero. Na ocasião, a cantora subiu ao palco do maior rodeio da América Latina para a gravação da segunda edição de *Herança Boiadeira*, projeto em que

convidou nomes históricos da música sertaneja. Ao lado de Zezé Di Camargo & Luciano, Lourenço & Lourival, Sula Miranda, Roberta Miranda, Sérgio Reis e Teodoro & Sampaio, fez um gesto de reverência à tradição, apontando para a continuidade e o diálogo entre gerações.

A vontade de realizar *Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja* cresceu junto com o risco. Quando o projeto não foi contemplado em edital público de financiamento, a decisão foi quase imediata: faríamos assim mesmo. Havia algo de inadiável na urgência de pensar o sertanejo a partir de Goiás. O momento era agora, não depois. Foi então que aprendemos a fazer na raça, com a ajuda de quem acreditou no projeto. Cada parede pintada, cada obra transportada, cada texto revisado nasceu do esforço compartilhado, de longas noites de trabalho, de conversas que viravam soluções aos mais diversos problemas. Aos poucos, percebi que a própria execução da mostra se tornou o retrato do que ela propunha, uma prática

coletiva, atravessada por coragem e teimosia.

O que nos moveu foi a convicção de que é preciso refletir, sem demora, sobre o gênero musical mais ouvido do Brasil. Como não pensar criticamente? Como não escutar o sertanejo com a atenção que ele merece? E mais: como não fazê-lo a partir de Goiânia, em Goiás, dentro de uma universidade pública, no coração da capital da música sertaneja? A mostra surgiu da certeza de que adiar significaria desperdiçar o tempo da escuta e abrir mão de uma oportunidade histórica. Ao mesmo tempo, inscreve a cena artística local no direito de enunciar, a partir deste território, uma reflexão crítica sobre o sertanejo, sobre um tema que lhe é constitutivo. Para isso, reúne artistas de diferentes rincões do Estado, para além da capital, reafirmando a diversidade de vozes que compõem essa experiência cultural.

O processo de investigação integrou as ações do Laboratório de Curadoria (FAV/UFG/CNPq) e do projeto de pesquisa em desenvolvimento

Paisagem Partida: Arte, Território e Música Sertaneja na Agrometrópole, e foi, desde o início, coletivo e atravessado por muitas vozes. As conversas com os artistas e pesquisadores Benedito Ferreira e Emilliano Freitas foram decisivas, sobretudo quando nos debruçamos juntos sobre *Cowboys do Asfalto*, de Gustavo Alonso, obra que se tornou provocação decisiva. Ao lado da teoria, mergulhamos em acervos: o do CCUFG, o do Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), e ainda coleções privadas, como as de familiares de artistas como Octo Marques.

Entre os frutos da pesquisa, vale destacar a mostra de seis fotografias da coleção Samuel Costa, oriunda do acervo do MIS-GO. As impressões realizadas para a exposição foram posteriormente incorporadas ao acervo do CCUFG, em acordo firmado entre mim, como Coordenador de Programação de Artes Visuais, Gisele Garcia, coordenadora do MIS-GO, e Eula Bento, irmã do artista e detentora dos direitos de uso de imagem. Esse gesto assegurou não

² BILLBOARD BRASIL. Henrique & Juliano entram no ranking global do Spotify com "Manifesto Musical 2". Disponível em: <<https://billboard.com.br/henrique-e-juliano-spotify/>> Acesso em: 31 ago. 2025.

apenas a visibilidade das obras, já preservadas no MIS-GO, mas também a inserção das respectivas cópias no acervo do CCUFG, ampliando sua presença no âmbito de instituições públicas.

Mas a pesquisa não se restringiu aos arquivos. Ela aconteceu em todos os cantos: nas feiras e nos bares, nos restaurantes e nas festas de peão, nas conversas com colecionadores e artistas, nas entrevistas, nas viagens ao interior e nas noites de show. Nesse período, acompanhado de Júnior Luale, produtor artístico da mostra, frequentei a Exposição Agropecuária de Goiás e apresentações de Rick & Renner, Ralf (da dupla com Chrystian), Matogrosso & Mathias, Maiara & Maraisa e Bruno & Marrone. Escutei repertórios antigos e novos, discuti músicas em reuniões de família e entre amigos, ouvi histórias na feira, no restaurante ao lado de casa, na conversa com a cozinheira, com o frentista e com o segurança da Universidade. Em cada arena, rua, praça ou casa de espetáculo, dos espaços anônimos aos palcos maiores, o que mais me marcou foi o contato com o público. Eram

pessoas de todas as idades, gêneros e etnias, que cantavam em coro, vibravam, choravam e faziam do sertanejo uma experiência coletiva, profundamente enraizada em suas vidas.

Uma lembrança que guardarei para sempre são as conversas com os artistas participantes. Muitas obras foram criadas especialmente para esta exposição, financiadas pelos próprios artistas, e isso exigiu acompanhamento próximo, trocas contínuas e diálogos cuidadosos. Os encontros aconteceram em diferentes tempos e lugares, sempre carregados de emoção e de uma vontade comum de fazer algo que precisava ser feito. A cada conversa, a mesma sensação se renovava, como se estivéssemos todos, pesquisadores, artistas e colecionadores, partilhando o mesmo canto e o mesmo desejo de oferecer ao sertanejo a atenção crítica e afetiva que ele merece.

Mas nem tudo foi simples. Desde o início sabíamos que lidar com a música sertaneja seria lidar com complexidades e contradições.

Ao longo do processo, também enfrentamos olhares tortos, muitas vezes da própria academia. Algumas pessoas, artistas, colecionadores e agentes, resistiram a participar. O sertanejo ainda é frequentemente visto como algo menor, tratado com menosprezo, como se não pudesse ocupar o espaço do pensamento estético, político ou simbólico. Foi preciso insistir, negociar, dialogar, afirmar e reiterar que justamente nesse espaço de contradições reside a força do projeto.

Durante todo esse percurso, percebi que o sertanejo atravessa minha própria vida e a de milhões de pessoas. Aqui, o sertanejo não é apenas produto da indústria cultural, mas arquivo vivo de afetos, disputas simbólicas, contradições sociais, paisagens em transformação. Foi essa certeza que moveu cada passo, cada conversa, cada gesto para que a mostra existisse.

Paulo Duarte-Feitoza
Pesquisador

uma exposição sobre sertanejo antes que um sudestino faça

Por que não propor, pela primeira vez no Brasil, uma exposição dedicada à música sertaneja? O que significa ocupar um equipamento cultural público e universitário com um estilo frequentemente associado ao conservadorismo e, não raro, desqualificado como “sertanejo”? E o que implica conceber uma mostra que se afasta dos grandes e bem-intencionados “temas do contemporâneo” ou mesmo de certa vagueza curatorial que esvazia tantos projetos?

Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja constitui uma exposição inaugural e provocadora, que propõe refletir sobre a força simbólica e as contradições do estilo musical mais ouvido no Brasil. A pesquisa ganhou fôlego no ano que antecedeu a abertura da mostra. Ao longo desse período, o tema foi discutido de forma meticolosa, a partir do interesse no fenômeno cultural que a música sertaneja representa na sociedade brasileira.

Somou-se à investigação a leitura do livro *Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira*, do pesquisador e

professor Gustavo Alonso, da Universidade Federal de Pernambuco. Publicada em 2015 pela Civilização Brasileira, a obra é referência incontornável para os estudos sobre a música sertaneja no país. Alonso reconstrói a história do gênero desde suas raízes rurais até sua consolidação como fenômeno urbano e de massa, demonstrando como o sertanejo reflete transformações sociais, tecnológicas e estéticas no Brasil. O autor dedica atenção especial à virada das décadas de 1980 e 1990, quando o estilo assume um caráter cada vez mais pop e performático, com forte apelo midiático.

A pesquisa também se conecta a repertórios de vida e memória afetiva partilhados por grande parte da população do Centro-Oeste. Em muitas famílias, a música sertaneja está presente em celebrações, encontros e momentos cotidianos, consolidando-se como trilha sonora emocional de várias gerações. A presença constante ajuda a moldar a sensibilidade popular em torno de temas como saudade, pertencimento, separação, religiosidade e desejo. O gênero, nesse sentido, ultrapassa seu estatuto de

produto de mercado e se afirma como linguagem cultural profundamente enraizada nas experiências sociais e afetivas da região.

Ao longo do processo curatorial, os próprios pesquisadores passaram a escutar o gênero com mais atenção, revisitando repertórios antigos, acompanhando lançamentos e frequentando shows, rodeios, festivais e apresentações de artistas, como as duplas Maiara & Maraisa, Bruno & Marrone e Gian & Giovani. O envolvimento genuíno não apenas aprofundou a escuta sensível do universo sertanejo, como permitiu o diálogo com fãs, músicos e produtores culturais. As conversas e relatos colhidos durante o percurso revelaram nuances, subjetividades e tensões que escapam aos discursos cristalizados sobre o sertanejo e enriqueceram significativamente o escopo conceitual da pesquisa para a concretização da mostra.

Nos últimos anos, percebe-se o interesse crescente do mercado de entretenimento

nacional pelas narrativas que emergem de Goiás, especialmente aquelas ligadas à música sertaneja. Uma das produções pioneiras nesse movimento foi a série *Rensga Hits!*, lançada pelo Globoplay em 2022. Ambientada em Goiânia, a trama acompanha a trajetória de Raíssa, uma jovem do interior que tenta se firmar como cantora no competitivo universo do feminejo. A série foi elogiada por sua trilha sonora original, composta especialmente para a ficção, e por abordar temas como independência feminina, rivalidade e identidade artística no cenário sertanejo contemporâneo.

Outra produção relevante foi *Só Se For por Amor*, série da Netflix também lançada em 2022, com o ator goianiense Filipe Bragança. Ambientada entre Goiânia e outras cidades do interior, a narrativa gira em torno das tensões entre os afetos e as ambições profissionais de artistas sertanejos. Apesar de sua proposta estética refinada e da boa recepção inicial, a série foi cancelada após a primeira temporada.

Além dessas produções já realizadas, outras estão em desenvolvimento e indicam a intensificação do interesse por narrativas ambientadas em Goiás. Uma série biográfica sobre Marília Mendonça, figura central do feminejo e ícone de uma geração, está sendo produzida para uma grande plataforma de streaming. A produção pretende abordar desde sua infância até sua consagração nacional, destacando suas composições, que deram voz a experiências femininas antes silenciadas. Também está em curso uma série inspirada no acidente com o célio-137, ocorrido em 1987, considerado o maior desastre radiológico em área urbana da história.

Mais recentemente, a TV Globo anunciou que sua próxima novela das sete, *Coração Acelerado*, terá Goiânia como cenário principal. Prevista para estrear em janeiro de 2026, promete exaltar a cultura sertaneja e explorar os bastidores da indústria musical local. A trama representa um marco inédito na teledramaturgia brasileira

ao reconhecer a capital goiana como centro narrativo por meio de um gesto simbólico que desloca o eixo tradicional Rio–São Paulo e reconhece a vitalidade cultural do Centro-Oeste.

Esses projetos, alguns já concretizados, outros em andamento, apontam para uma reconfiguração importante no audiovisual brasileiro: o deslocamento de olhares para além dos centros hegemônicos e a afirmação de narrativas que, durante décadas, foram invisibilizadas ou estigmatizadas. *Não vou negar*, nesse contexto, propõe-se como contraponto a esse movimento. Diferentemente das séries e novelas recentes sobre o universo sertanejo, produzidas por grandes plataformas e emissoras, com equipes criativas majoritariamente vindas do Sudeste, a exposição foi concebida, desenvolvida e realizada exclusivamente por profissionais com atuação baseada em Goiás.

A mostra reivindica a autonomia da cena artística local para refletir criticamente sobre o sertanejo, construindo uma leitura que

nasce do território e da experiência vivida, sem recorrer a estereótipos ou exotizações. Em vez de reproduzir fórmulas narrativas pré-estabelecidas ou se alinhar a estratégias de mercado, a exposição aposta na complexidade, nas contradições e na singularidade do sertanejo como fenômeno estético e social. Ela afirma que as histórias e imagens que moldam a sensibilidade sertaneja podem e devem ser contadas por quem habita e transforma esse território todos os dias.

Com o avanço da etapa de pesquisa, constatou-se também que o Centro-Oeste é frequentemente percebido como uma área em processo de formação, marcada por um suposto atraso ou incompletude, o que dificulta seu reconhecimento como polo autônomo de produção simbólica. Esse cenário, no entanto, vem se transformando com o fortalecimento de iniciativas culturais locais e o questionamento dos centros hegemônicos de legitimação artística no país. É comum, entre agentes culturais do Sudeste, associar a música sertaneja

a uma imagem caricatural do interior, como se sua dimensão estética estivesse sempre atrelada ao atraso ou à ignorância. No entanto, o sertanejo moderno, tal como se manifesta no Centro-Oeste, opera numa tensão constante entre tradição e consumo, entre lamento e espetáculo, entre o regional e o global.

Em um dos papéis de carta da série *Arquivo Morto*, que exibo na mostra, anotei: "Uma exposição sobre sertanejo antes que um sudestino faça". A frase, com sua ironia direta, revela o incômodo com a centralização das narrativas culturais no eixo Sudeste e com a apropriação frequente de temas periféricos por olhares externos. Ao inserir esse papel no espaço expositivo, não o vejo apenas como obra, mas como um manifesto. Não se trata apenas de ocupar espaço, mas de disputar os modos de enunciação, visibilidade e escuta.

Benedito Ferreira
Pesquisador

evidências entre arte e música sertaneja

Uma vez a cantora Anitta disse em uma entrevista¹ que não ouviremos um funkeiro cantar *o barquinho vai, a tardinha cai*², visto que aquilo não faz parte do cotidiano dele. Concordo discordando, pois, embora o contexto em que vivemos influencie profundamente nossos processos de criação, seria simplista afirmar que é apenas a realidade imediata que molda a expressão artística. Artistas costumam, intuitivamente, viver processos de retroalimentação entre as tradições e as experimentações, nem sempre como manifesto regional, mas como prática artística que opera na fricção entre o enraizamento e a invenção, entre o que se herda e o que se projeta, entre o encantamento e a crítica.

Ao considerar que é a partir do Brasil Central, com suas dinâmicas sociais, memórias e

paisagens, que grande parte dos profissionais do sertanejo constroem suas obras, torna-se evidente que viver nesse território é também estar imerso no universo da música sertaneja. Essa presença, explícita ou sutil, permeia nossos modos de viver, pensar e produzir. E digo sem medo: mesmo quem tenta se manter em sua bolha confortável e quentinha será, em alguma medida, atravessado por esse imaginário, um sistema que se expande, se infiltra e se sustenta em múltiplas camadas da vida cultural, econômica e afetiva da região.

Em várias conversas que tive com Paulo Duarte-Feitoza e Benedito Ferreira, tais reflexões reverberaram e nos vimos perguntando que tipo de interface as artes visuais produzidas em Goiás mantinham com a esfera da música sertaneja. De que maneira se estabelecia o diálogo proposto? Seria direto? Saudosista? Crítico? Como os nomes do passado foram influenciados por essa cultura? E como as novas gerações a percebem, incorporam ou tensionam em suas poéticas?

¹ O GLOBO. Anitta: o que tem de errado com o funk? Nada. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/anitta-que-tem-de-errado-com-funk-nada-24931958>> Acesso em: 9 jul. 2025.

² Trecho da canção de bossa nova “O Barquinho”, composta por Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli.

Essas perguntas foram fundamentais para gestar, pesquisar e colocar de pé um projeto como a exposição *Não Vou Negar*. Foram meses de muito trabalho, atravessados por trocas, escutas e gestos de generosidade. Tratar da cena da música sertaneja em uma exposição de artes visuais, dentro de uma instituição cultural e universitária, embora nos entusiasmasse e carregasse um senso de urgência e pertinência, muitas vezes se revelou uma tarefa delicada. Havia implicações simbólicas, tensões entre repertórios, e a necessidade constante de lidar com estigmas, distanciamentos e contradições.

Realizamos uma pesquisa para a produção da exposição com o objetivo de identificar artistas cujas poéticas se relacionam com o campo ampliado da música sertaneja, abrangendo diferentes linguagens visuais, avaliando tanto obras já existentes em acervos, quanto a possibilidade de criação de trabalhos inéditos para a mostra. Foi um processo delicado, que demandou

mediação e diálogo, já que muitas pessoas não se sentiram à vontade para participar, seja como colecionadores que emprestariam as obras, seja como artistas que produziriam trabalhos especificamente para a exposição.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, entendemos que a relação entre a música sertaneja e as artes visuais não poderia ser apenas temática. Era necessário tensionar as fronteiras simbólicas entre o popular e o erudito, o rural e o urbano, o legitimado e o marginalizado, não para eleger um lado ou reforçar oposições, mas para evitar distanciamentos ainda maiores entre esferas que, embora tratadas como opostas, se entrelaçam de maneira complexa. Nossa desejo era que a exposição fosse um território fértil para reflexão crítica e artística, evitando leituras exotizantes ou distanciadas. Escolhemos pensar esse universo a partir da criação em artes visuais, acionando sentidos estéticos, poéticos, semióticos e narrativos,

em um campo onde o sertanejo pudesse ser olhado não como objeto de estudo, mas como possibilidade de experiência e imaginação.

Importante salientar que a realização da exposição dependeu do empenho coletivo de artistas, curador, colecionadores, patrocinadores, colaboradores da Universidade Federal de Goiás e muitas outras pessoas que acreditaram na importância dessa proposta. Sem nenhum incentivo financeiro estatal, cada etapa foi realizada com recursos próprios: obras financiadas por artistas, montagem viabilizada com ajuda mútua, redes de afeto transformadas em força de trabalho. De forma natural, acabamos fazendo do processo de realização desta exposição uma prática de mutirão, comum nas comunidades rurais que se baseia na cooperação e no esforço conjunto para atingir objetivos compartilhados. Assim como a música sertaneja surge no contexto de coletividade, festas e desafios coletivos, a produção da exposição adotou essa lógica colaborativa como

estratégia para viabilizar sua concretização, distribuindo responsabilidades e articulando diferentes saberes e recursos. No entanto, os modos de trabalho adotados não podem ser vistos como regra ou modelo permanente. Assim como a música sertaneja se profissionalizou e hoje conta com mecanismos de viabilização econômica e estrutural, é fundamental pensar a produção das artes visuais contemporâneas no estado de Goiás a partir de políticas, estruturas e apoios que possibilitem a sustentabilidade dos processos artísticos sem depender exclusivamente do esforço coletivo informal.

Não Vou Negar não se propõe a ser uma exposição de afirmação regionalista, tampouco como uma tentativa de universalização forçada do contexto ao qual pertence. O que nos interessa não é enquadrar o sertanejo em categorias fixas, folclóricas ou acadêmicas, mas permitir que ele reverbere com sua complexidade, suas contradições e potências poéticas. Parafraseando Manoel de Barros, não buscamos fazer do nosso quintal algo

maior que o mundo³, mas sim revelar de que modo ele já se apresenta como mundo. Nesse sentido, a exposição propõe uma escuta aos cruzamentos que moldam nossas experiências com a música sertaneja e com as imagens que ela convoca, não para explicá-las, mas para habitá-las, e, talvez, reimaginá-las.

Emilliano Alves de Freitas Nogueira

Pesquisador

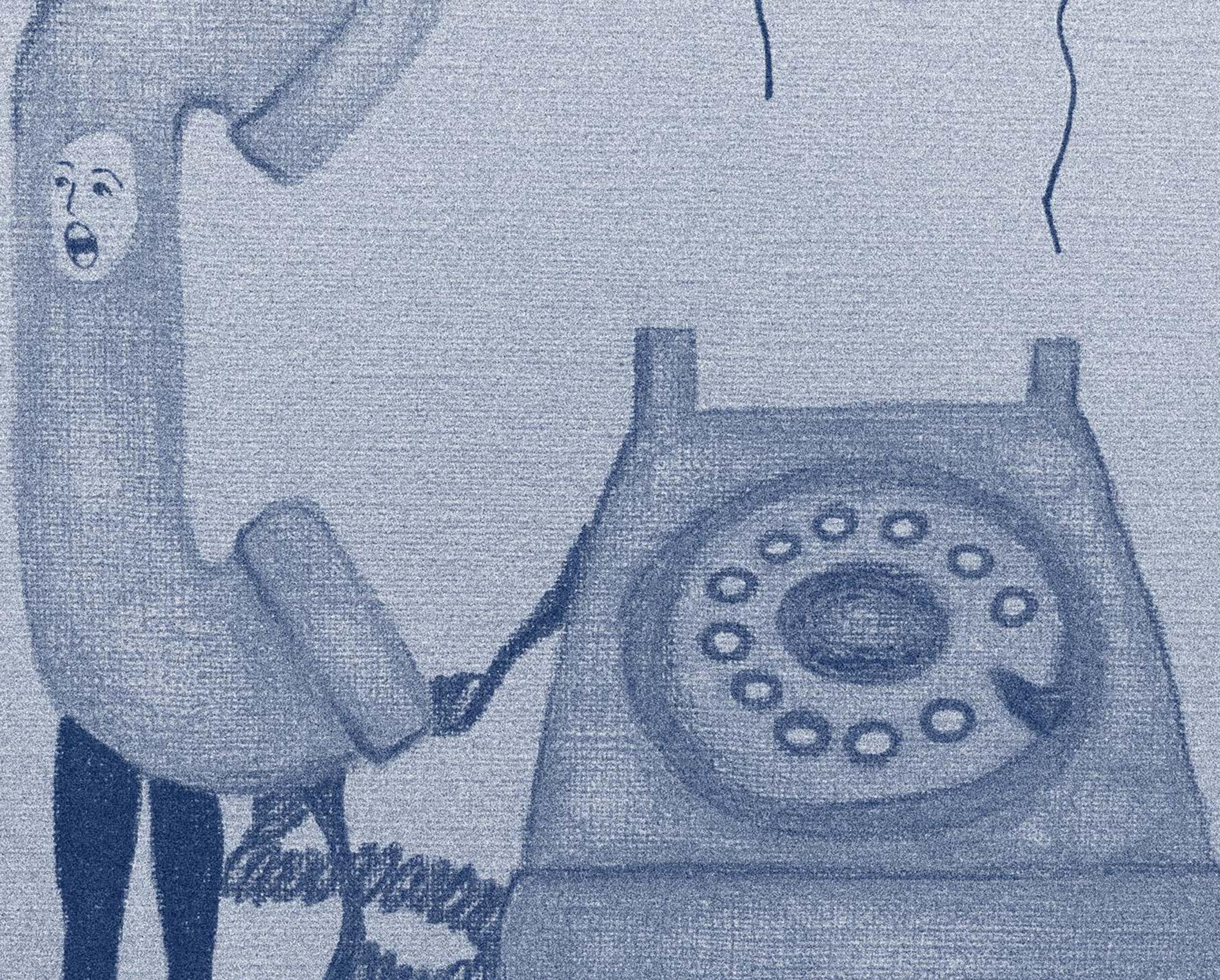
³ BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. São Paulo: Alfaguara, 2015.



rádio

1 ZYR 295,

00 WATTS DE



SÁBADO, ME
AINDA NÃO





âo vou negar

es visuais, território e música sertaneja

NUNCA Seides NO PORTAO
O AMOR É LEGO
MAS SE VIZIANO NAO

um caso complicado de se entender

A exposição *Não vou negar: artes visuais, território e música sertaneja* pensa criticamente o universo da música sertaneja, suas sonoridades e contradições, a partir das obras de 30 artistas. Gênero musical mais ouvido no Brasil, o sertanejo é reconhecido e convocado por esta mostra, que assume o compromisso de refletir sobre essa expressão cultural, fortemente enraizada em Goiás e no país, com a seriedade e a complexidade que ela merece.

Desde *Fio de Cabelo*, música lançada por Chitãozinho & Xororó em 1982, no disco *Somos Apaixonados*, que consolidou um estilo e levou o gênero a ser identificado pelo grande público como “sertanejo”, muita coisa mudou. O estilo atravessou as fronteiras rurais, urbanizou-se, globalizou-se, consolidou novas formas de espetáculo e consumo, mas manteve, e muitas vezes reforçou, narrativas marcadas pelo melodrama. O estrondoso sucesso, que vendeu mais de 1,5 milhão de discos, simbolizou a entrada definitiva do sertanejo na indústria fonográfica de massa no Brasil. Esse marco

acompanha as transformações políticas, econômicas e culturais do país a partir da redemocratização, período em que o sertanejo se afirma como uma das principais matrizes da música popular brasileira. Nesse processo, ele escanteia a sonoridade e o imaginário da música caipira tradicional, incorporando elementos da música pop, do *country norte-americano* e da estética urbana, em um cenário também atravessado pela consolidação do agronegócio e pela intensificação das monoculturas, que acabam por reconfigurar a paisagem e as relações de trabalho no Brasil.

Com a virada do século, consolida-se o movimento que ficou conhecido como sertanejo universitário, nome que reflete não apenas a renovação estética do gênero, mas um novo momento social do país, marcado pela democratização do ensino superior durante os primeiros governos do presidente Lula. As duplas desse momento refletem a emergência de uma juventude interiorana que passa a frequentar as universidades,

redesenhando as narrativas afetivas e as prerrogativas comerciais deste gênero musical.

É nesse campo de tensões, entre continuidade e transformação, que se insere esta exposição, ao propor um percurso visual em diálogo com o universo da música sertaneja, entendida aqui tanto como linguagem estética quanto como dispositivo simbólico capaz de interpelar as ideias de território, pertencimento e identidade. A mostra, concebida como gesto crítico e inaugural, propõe, pela primeira vez em Goiás, a abordagem das artes visuais sob a ótica da música sertaneja, com a intenção de expandir o repertório para o campo mais amplo da cultura vinculada ao Brasil Central.

Muitos dos artistas aqui reunidos já vinham, em suas trajetórias, elaborando reflexões sobre o universo sertanejo ou sobre questões que atravessam esse imaginário. Outros, provocados pela proposta curatorial, desenvolveram trabalhos especialmente para a mostra. Há ainda aqueles cuja produção antecede o florescimento da música sertaneja moderna: artistas de outras gerações, alguns já falecidos, que sequer

testemunharam a consolidação do gênero. A inclusão dessas obras parte do gesto deliberado de anacronismo, sustentado pela crença na possibilidade de, ao olhar para trás, reconhecer ecos, ressonâncias e diálogos entre essa música e a produção artística do território. Mais do que ilustrar o sertanejo, a mostra procura expandi-lo e questioná-lo, ao explorar suas reverberações estéticas e políticas nas artes visuais.

A exposição aponta para algumas das questões que rondam esse universo musical: a evolução da música caipira até suas formas mais modernas e contemporâneas, do sertanejo universitário ao eletronejo; a centralidade da ideia de dupla; o melodrama, a sofrênciа e as confissões amorosas; as paisagens interioranas e a presença cada vez mais forte da cidade como cenário e protagonista; as identidades e dissidências que tensionam as normatividades de gênero; e a cultura de massas, permeada por uma estética *kitsch* e, muitas vezes, por discursos conservadores e neoliberais. Esses eixos, distribuídos entre as galerias, estão acompanhados de textos reflexivos, que buscam orientar o visitante no

percurso e sugerir aproximações possíveis entre as obras e o repertório da música sertaneja.

O título *Não vou negar*, verso tomado da canção escrita por Zezé Di Camargo e imortalizada nas vozes dos irmãos Zezé Di Camargo & Luciano, não surge como mera citação. A frase, que na canção opera como confissão amorosa, é reappropriada como provocação e convite: não negar o peso cultural, afetivo e simbólico desse universo; não negar as contradições, os conflitos e as dinâmicas que ele carrega. Nesse gesto, a exposição reafirma a necessidade de olhar para a música sertaneja, e para tudo que ela mobiliza, sem idealização nem desprezo, mas com escuta atenta, olhos abertos e pensamento crítico. Porque, no fundo, negar a música sertaneja seria negar também algo de nós mesmos, afinal, ela atravessa inexoravelmente o território ao qual estamos inscritos.

Paulo Duarte-Feitoza
Curador

eita a sua namorada



...
...
...
...







Samuel Costa

*Enfants aux mines d'émerandes de
Santa-Terezinha-de-Goiás (Crianças nas minas de
esmeraldas de Santa Terezinha de Goiás), 1986*
Fotografia analógica impressa em papel photo matte
Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO
90 x 60 cm

Verônica Santana

Eu sei aonde devo ir, eu sei o que eu posso vestir, 2025
Óleo sobre tela
90 x 80 cm





Elinaldo Meira

Elinaldo e Elineudo, 2025

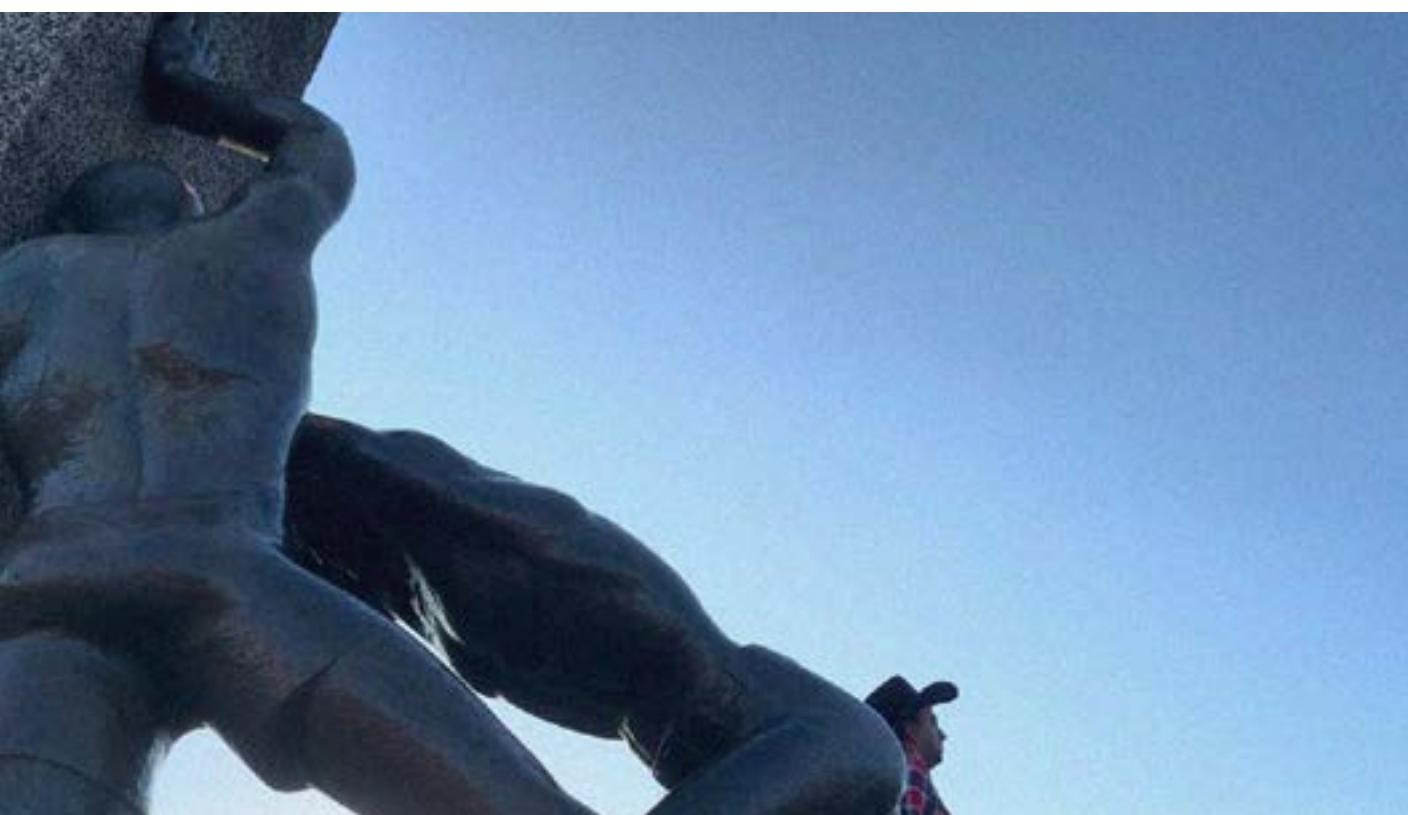
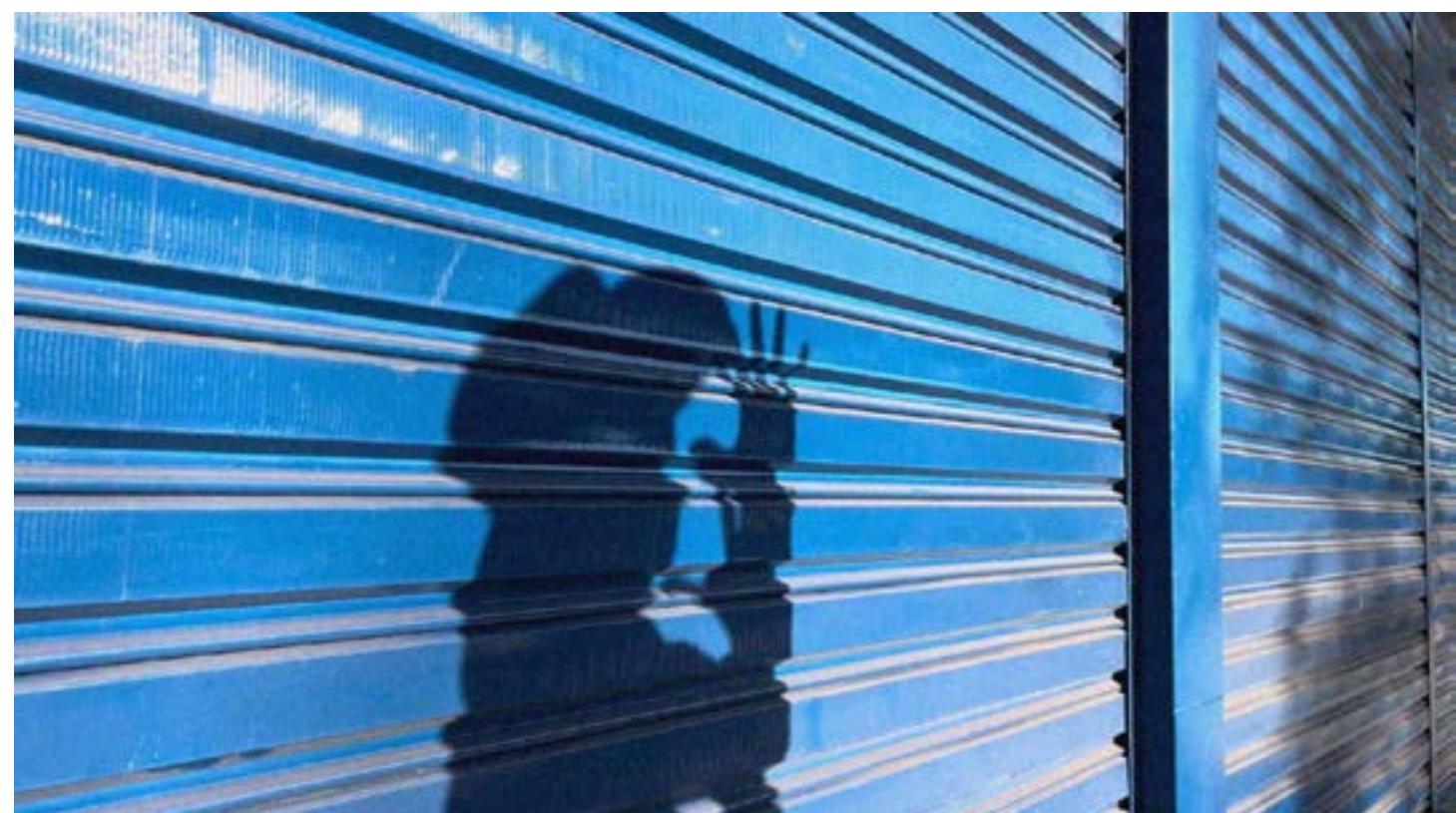
Impressão em papel fotográfico 230g/m²

sobre chapa de fibra de madeira,

75 x 50 cm

90 x 60 cm

75 x 50 cm

**Benedito Ferreira**

Leite de córrego, 2024
Vídeo, 7' loop

Roteiro e direção: Benedito Ferreira
Intérprete e coreógrafo: Emilliano Freitas
Fotografia: Emerson Maia, Benedito Ferreira e Antonio H. Queiroz
Som: Pedro Novaes
Montagem: Ludielma Laurentino
Produção: Camila Nunes e Fabiana Assis

**Depois daquela tragédia / fiquei mais aborrecido
não sabia da nossa amizade / porque nois dois era unido
quando vi seu documento / me cortou meu coração
vim saber que o Chico Mineiro / era meu legítimo irmão**

(Chico Mineiro, Tonico & Tinoco, 1946)

A ideia de dupla é central na música sertaneja e a atravessa como um todo. Uma dupla não é apenas dois corpos ou duas vozes, mas a relação, o vínculo, muitas vezes de irmãos, primos, amigos ou vizinhos. Carrega a marca da fraternidade, da cumplicidade e da confiança, ao mesmo tempo que abriga conflitos, disputas e tensões. Na dupla, o canto é partilha e pode ser também desencontro. Pensar a dupla é reconhecer que nada se faz sozinho, que toda voz carrega outra voz. A dupla como metáfora de que o canto, e, por extensão, a vida, é sempre exercício de diálogo e convivência.

Mas o que acontece quando uma dupla se desfaz? Que caminhos se abrem quando a parceria se rompe, como no caso de Milionário & José Rico, João Mineiro & Marciano ou Simone & Simaria? E quando uma das vozes se cala definitivamente, como

aconteceu com João Paulo, Chrystian ou Leandro? Como cantar sozinho aquilo que foi feito para ser dois? Como seguir?

Nesta exposição, a ideia de dupla funciona como dispositivo estético e simbólico em profundo diálogo com a tradicional figura do díptico na História da Arte. A fotografia de duas crianças realizada por Samuel Costa em 1986: seriam irmãos, amigos ou vizinhos? Em outro trabalho, Elinaldo Meira apresenta suas fotografias de infância, quando seu pai alimentava o desejo de que ele e o irmão Elineudo formassem uma dupla sertaneja, como tantos pais e filhos pelo Brasil.

A lógica do díptico ecoa também nos trabalhos de Rafael de Almeida, Rossana Jardim, Divino Diesel e desdobra-se nas boiadeiras de Verônica Santana, tensionando

as normas de gênero. Por outro lado, a solidão, a outra faceta da dupla, se manifesta no menino sertanejo de D. J. Oliveira e no vídeo *Leite de córrego*, de Benedito Ferreira, em que um cowboy, depois de perder seu amor, dança catira sozinho. A solidão aqui se adensa, afinal, a catira, dança tradicionalmente coletiva, marcada pela batida dos pés e das mãos ao ritmo da viola caipira, pressupõe o outro para existir. Se a dupla é harmonia, também é risco: aquele de que um dia reste apenas a metade.





**Pitágoras**

Sem título, 2025
Acrílica sobre tela
180 x 180 cm



[página anterior]

Benedito Ferreira

Arquivo Morto, 2025

Desenhos e rabiscos sobre papeis de carta dos anos 1980

145 x 360 cm

Rossana Jardim

Nunca beije no portão, o amor é cego, mas o vizinho não
(da série *Fé na tábua*), 2025

Acrílica sobre tela

50 x 50 cm





Rossana Jardim Jardim

Se Amar for pecado, jamais serei perdoado
(da série *Fé na tábua*), 2025
Acrílica sobre tela
50 x 50 cm



Rossana Jardim

Sorte e alegria (da série *Fé na tábua*), 2025
Acrílica sobre tela
100 x 140 cm



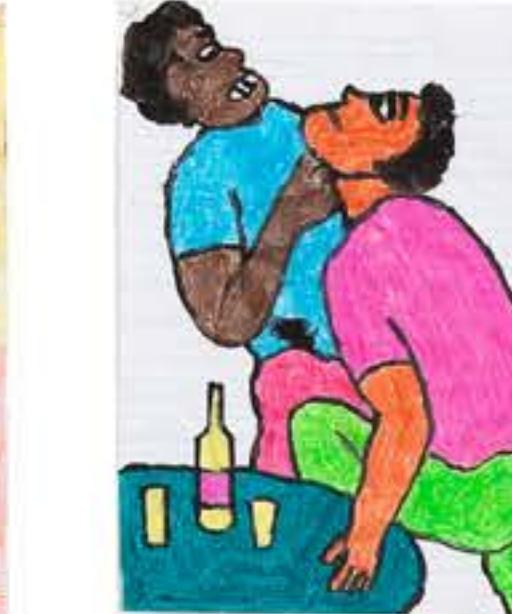
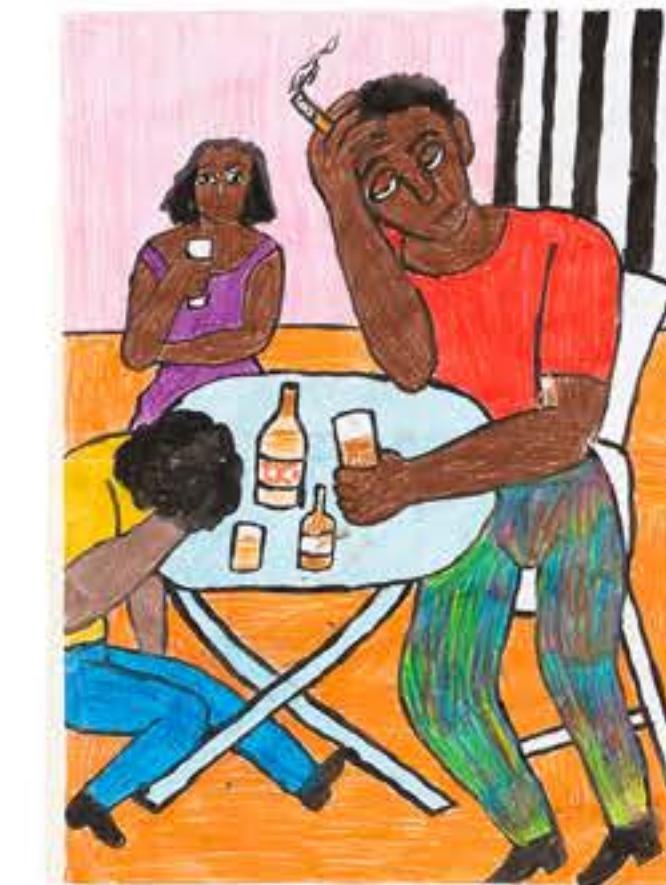
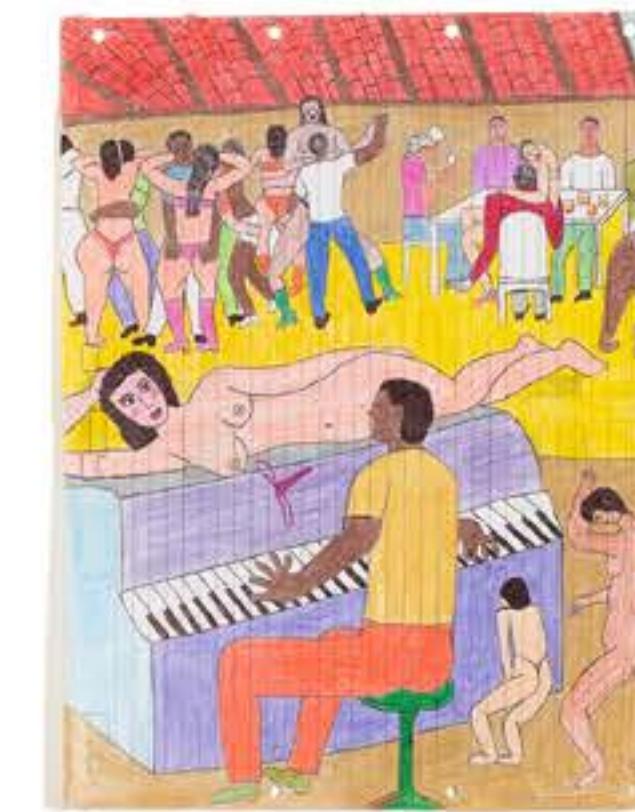
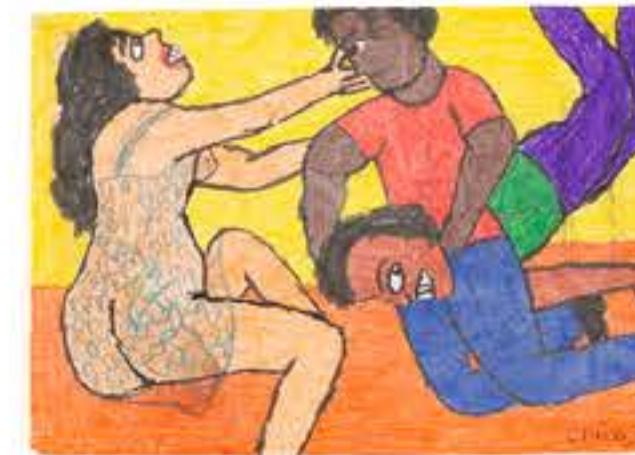
Rafael de Almeida

Evidências, 2024
Promptografia e cianotipia
sobre papel mata borrão
65 x 50 cm

[página a seguir]

Chico Silva

Sem título, 2023-2025
Lápis de cor e giz pastel oleoso sobre papel
96 x 154 cm



Quando for beijar alguém / testa esse beijo em mim

Antes de amar, meu bem / testa esse amor em mim

Me prenda, me abraça e não saia / aceito esse emprego de cobaia

(Cobaia, Lauana Prado, 2018)

O melodrama é uma das estruturas fundamentais da música sertaneja, presente desde a música caipira de raiz até a contemporaneidade. Nele, o drama afetivo, a paixão, a traição, o abandono ou a saudade, deixam o espaço privado para tornar-se público. O cantor, qual narrador de mágoas, se confessa, se expõe e busca, na escuta do outro, a empatia e a companhia para sua dor.

Nos anos 1980 e 1990, com o sertanejo romântico, o melodrama desloca-se do mundo rural para o cenário urbano. As histórias de desilusão amorosa permanecem, mas agora se situam nas cidades, nas boates, nas relações mais urbanas. O protagonista continua sendo, majoritariamente, um homem apaixonado, traído ou arrependido. Essa voz, quase sempre em primeira pessoa, constrói uma intimidade com quem escuta, transformando o desamor,

a sofrência e a dor de corno em experiência coletiva. No sertanejo, a mágoa é partilhada, cantada, performada. O melodrama, nesse sentido, dialoga com outras narrativas populares, como os folhetins, os cordéis e as telenovelas, dramaturgias do sofrimento que mobilizam afeto, identificação e catarse.

O eu-lírico é quase sempre um homem. Uma exceção é Nalva Aguiar, que, em *Dia de Formatura* (1988), adota a perspectiva de uma mãe solo que enfrentou inúmeras dificuldades para ver o filho concluir os estudos. Na canção, ela lamenta a ausência do pai de seu primogênito e sugere que, ao saber da gravidez, ele chegou a propor um aborto. Anos mais tarde, um conjunto de normatividades começa a ser problematizado com a aparição de vozes como Paula Fernandes, Paula Mattos, Marília Mendonça e Maiara

& Maraisa, que reconfiguram os lugares da mágoa e do desejo em seus repertórios.

As reverberações do melodrama permeiam diversos trabalhos apresentados em ambas as galerias. Pitágoras interpreta as canções *Boate Azul* e *Dama de Vermelho* em sua pintura, enquanto Rafael de Almeida apresenta *Evidências*, díptico produzido através de inteligência artificial em cianotipia que revisita a canção homônima dos paranaenses Chitãozinho & Xororó. Os desenhos inéditos de Chico Silva evocam a vida noturna dos desafetos, cotidiano de personagens que vivem o desbunde de bares e festas regadas a cerveja *Fogo no Rabo*. Emílliano Freitas, por sua vez, concebe uma *Ópera Sertaneja*, cujos desenhos funcionam como croquis de um encenador atento aos aspectos visuais de seu projeto. Já Rossana Jardim, na série *Fé na Tábua*, trabalha

com as frases das lameiras de caminhões, por meio das quais o caminhoneiro, figura recorrente do universo sertanejo, escreve seu próprio melodrama em poesia de estrada.

A estrada, aliás, é uma presença recorrente na música sertaneja e ecoa nos diálogos entre Rossana Jardim e Chrystian & Ralf, como no clássico *Nova York* (1989), cujos versos iniciais apresentam a estrada como símbolo de solidão e o caminhão como meio de sobrevivência e extensão do corpo masculino. O melodrama atravessa ainda a obra de Benedito Ferreira. Em *Arquivo Morto*, humor e ironia filtram a mágoa e a confissão, articulando múltiplos eu-líricos caligráficos aos papéis de carta, relíquias do universo afetivo-popular e passatempo de muitas crianças entre as décadas de 1980 e 1990.







D.J. Oliveira

Sem título, s/d

Óleo sobre tela

Coleção Paulo Fernando Florentino

65 x 54 cm

**Afagar a terra / Conhecer os desejos da terra /
Cio da terra, a propícia estação / E fecundar o chão**

(*O cio da terra*, Pena Branca & Xavantinho, 1977)

Por meio do retrato de um menino sertanejo negro, de D. J. Oliveira, a exposição chama atenção para um assunto urgente: a presença e o apagamento histórico de artistas negros no universo da música sertaneja. Apesar do apagamento simbólico na indústria e no imaginário contemporâneo dominante, é marcante a presença concreta de pessoas negras que continuam cantando, com voz e corpo, o repertório sertanejo em bares, festas e rincões das cidades e do interior.

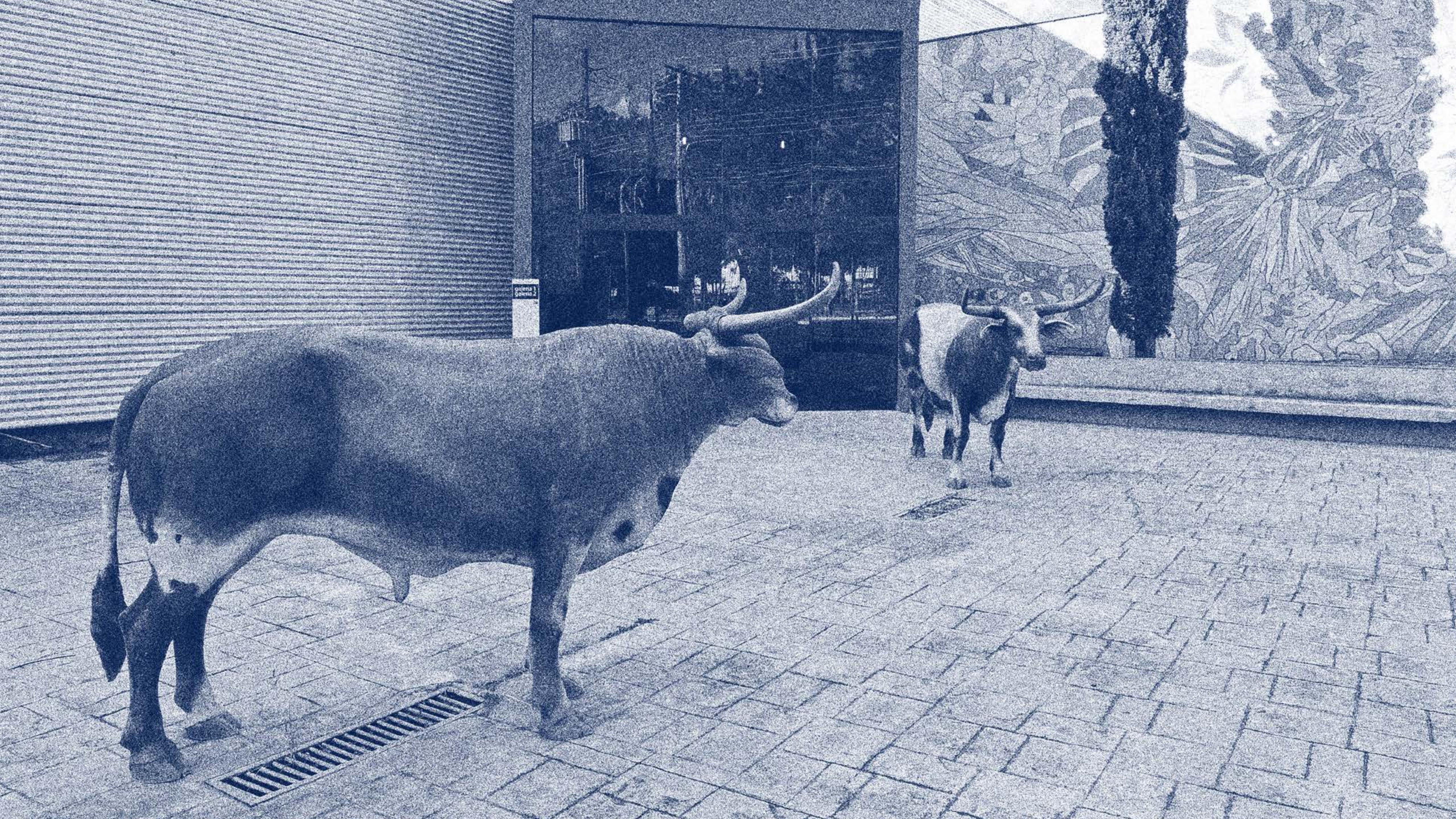
As origens da música caipira estão enraizadas em ritmos de matrizes portuguesas, indígenas e africanas. No entanto, devido ao processo de violência colonial, essas influências foram progressivamente embranquecidas, como ocorreu com o

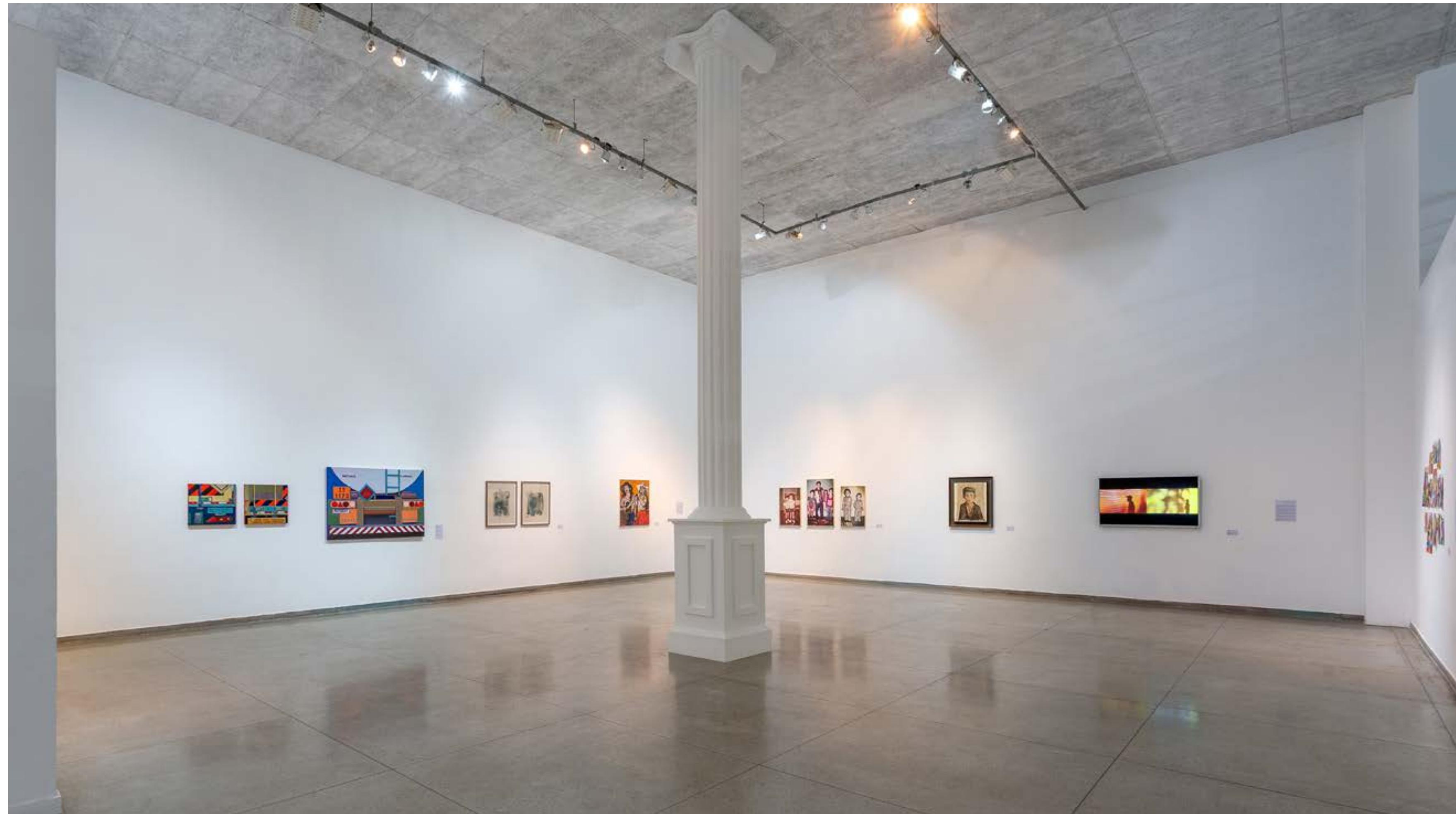
samba. A polca e a guarânia paraguaias, que influenciaram fortemente a formação do sertanejo, possuem influência indígena, especialmente guarani. Ambos os ritmos, ao se desenvolverem em solo americano, expressam uma confluência forçada entre heranças culturais europeias, indígenas e africanas.

A presença de cantores negros no sertanejo, embora histórica, foi progressivamente apagada devido ao racismo estrutural e sistêmico. Alguns artistas de destaque são Tião Carreiro & Pardinho, Cascatinha & Inhana, Pena Branca & Xavantinho, João Mulato & Douradinho e as Irmãs Barbosa. A dupla Pena Branca & Xavantinho fez muito sucesso com a canção "O cio da terra", de Chico Buarque e Milton Nascimento, com participação especial deste último.

Durante o período do sertanejo romântico, surgiram personagens importantes e de grande popularidade, como João Paulo, da dupla com Daniel, e Rick, da dupla com Renner, ambos vítimas de episódios de racismo relatados ao longo de suas carreiras. Atualmente, há cantores negros na cena sertaneja, como Junior Marques, David Henrique e Diogo Henrique.

Diferentemente de outros gêneros, o sertanejo ainda reserva pouco espaço para discursos de militância. Questões como o racismo surgem de forma velada em algumas canções, enquanto outras exibem títulos explicitamente racistas. A falta de enfrentamento dessas pautas ainda marca o gênero, que, apesar disso, passa por transformações impulsionadas por disputas simbólicas de mulheres e pessoas LGBTQIA+.





[página anterior]

Divino Diesel

Boi carreiro, 2025

Resina com fibra de vidro

168 x 257 x 109 cm

**Barranco Ateliê (Valdson Ramos,
Talles Lopes e Joardo Filho)**

Greco-Goiano, 2025

Réplica de coluna da residência do cantor

Gusttavo Lima em gesso, isopor e madeira

620 x 70 x 70 cm

Cássia Nunes

Minimalismo Goiano (da série *Visita-guiada ao Complexo das Artes Goianas*), 2025

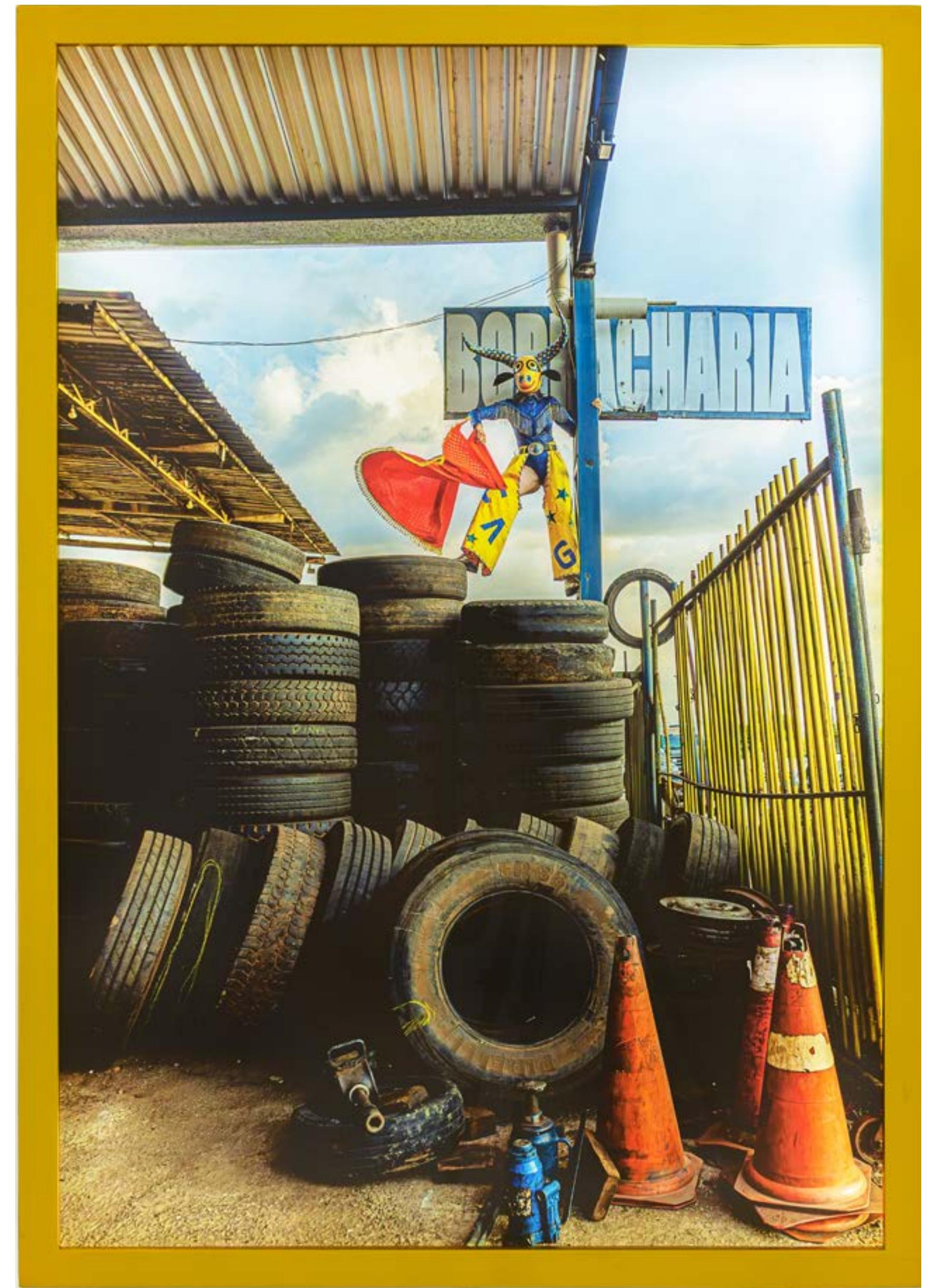
Fotoperfomance impressa em backlight

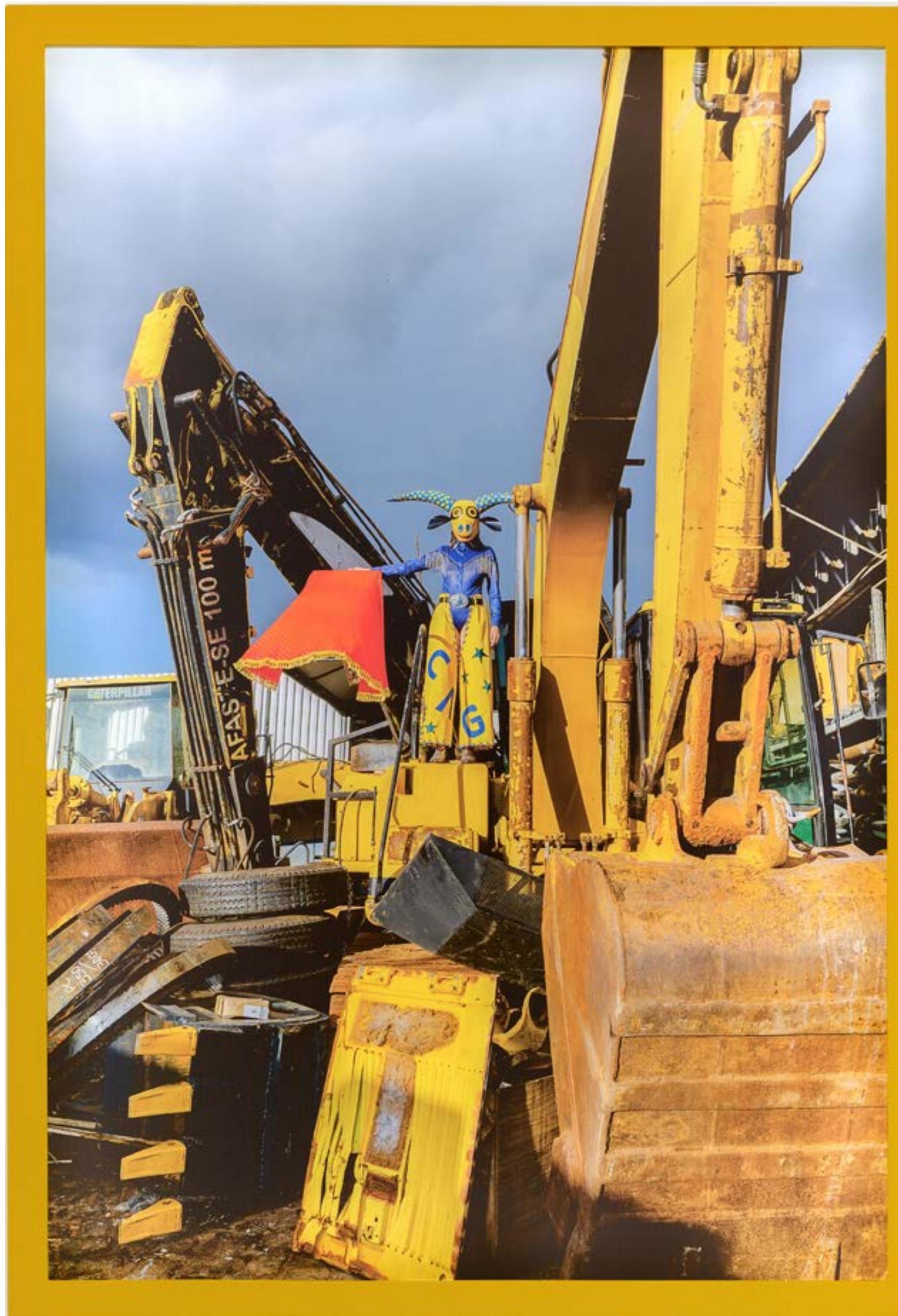
100 x 170 x 12 cm

Registro fotográfico: Caju Bento

Figurino: Naya Violeta e Washington Gomes

Colaboração: Anderson Gonçalves (IP Pneus e Recapagem) e Thiago Lemos





Cássia Nunes

Construtivismo Goiano (da série *Visita-guiada ao Complexo das Artes Goianas*), 2025

Fotoperformance impressa em backlight

100 x 170 x 12 cm

Registro fotográfico: Caju Bento

Figurino: Naya Violeta e Washington Gomes

Colaboração: Rafael Campos (Campos Peças e Máquinas)

Cássia Nunes

Artes Sacras Goianas (da série *Visita-guiada ao Complexo das Artes Goianas*), 2025

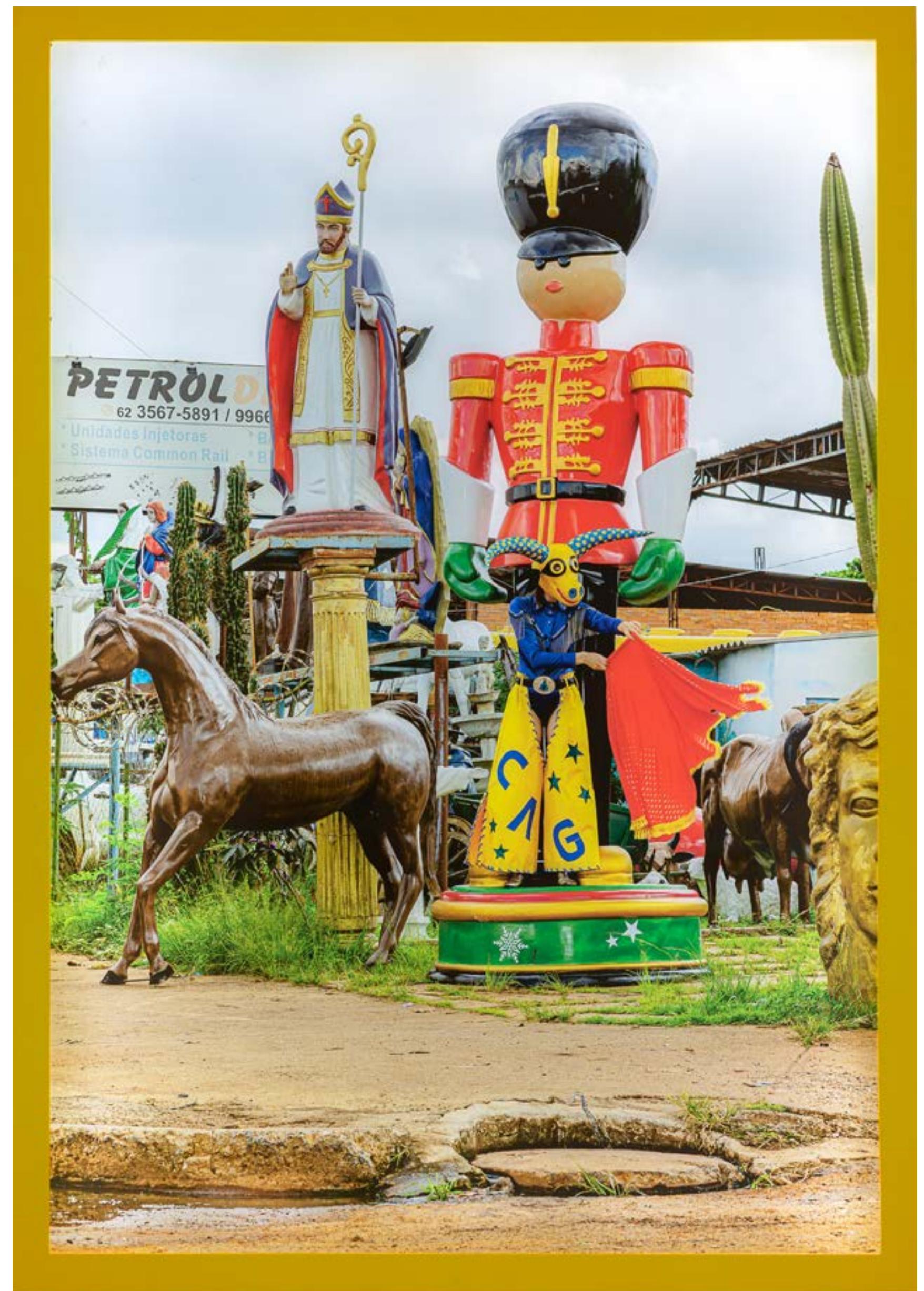
Fotoperfomance impressa em backlight

100 x 170 x 12 cm

Registro fotográfico: Caju Bento

Figurino: Naya Violeta e Washington Gomes

Colaboração: Luzimar Batista Vieira (Estátuas & Cia)



**Agora eu fiquei doce igual caramelo /
Tô tirando onda de Camaro amarelo /
E agora você diz: vem cá que eu te quero /
Quando eu passo no Camaro amarelo**

(Camaro amarelo, Munhoz e Mariano, 2012)

Cantor sertanejo de enorme popularidade, Gusttavo Lima tornou-se uma figura emblemática do conservadorismo no Brasil, especialmente após declarar apoio público ao então presidente Jair Bolsonaro, sendo recebido por ele no Palácio da Alvorada em 2022. Participaram do encontro, entre outros, os cantores Leonardo, Zezé Di Camargo, Marrone, Chitãozinho, Sula Miranda e Fernando (da dupla com Sorocaba). A imagem de Gusttavo Lima, associada à ostentação e a valores tradicionalistas, encontra em sua residência em Goiás um de seus marcos simbólicos.

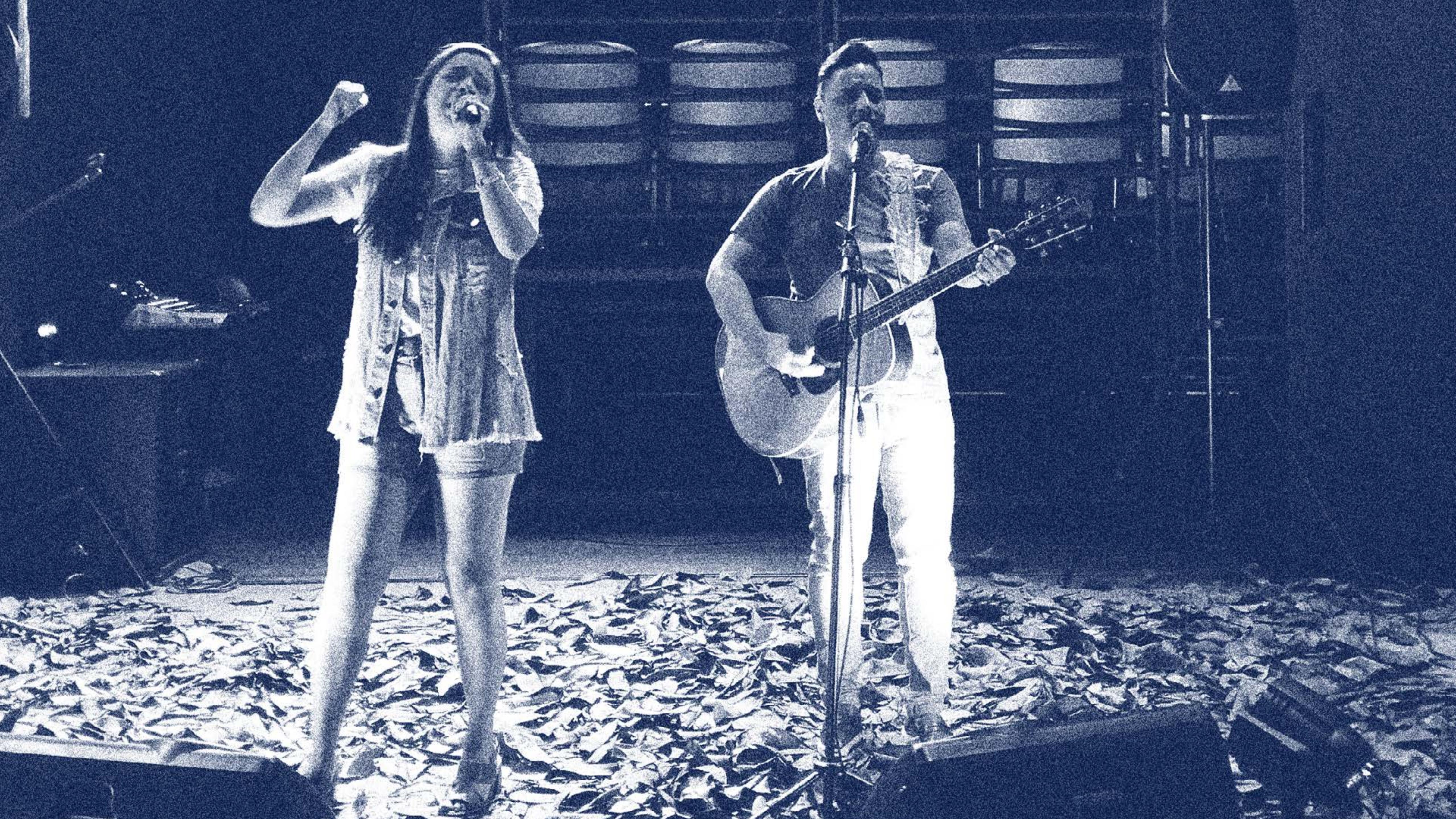
É essa construção que inspira a obra *Grego-Goiano*, apresentada pelo Barranco Ateliê. A chamada arquitetura greco-goiana, decalque neoclássico inspirado na cultura greco-romana, segue emergindo no Cerrado em diversas formas. Entre essas variações, a fachada de uma

das residências do cantor, repleta de colunas, se destaca pela escala monumental e pelo contraste com a paisagem local, acentuados por sua ampla circulação nas redes sociais do cantor, de sua família e de seus fãs. O apreço pela arquitetura clássica, frequentemente alçado pelos conservadores como símbolo de ordem, hierarquia e grandeza, surge em oposição às linguagens contemporâneas, que são vistas por esses grupos como ameaça à tradição e à moral.

Apartada da monumentalidade da residência de Gusttavo Lima, outras expressões populares também emergem. As obras dos artistas Cássia Nunes e Divino Diesel reconhecem que essas formas fazem parte do cotidiano e do imaginário visual que compõem um certo senso comum goiano, e se apropriam ostensivamente desse repertório. Nunes apresenta painéis luminosos em *backlight* com imagens do projeto *Complexo*

das Artes Goianas, construindo uma cartografia crítica e irônica dos modos como arte, turismo e indústria cultural operam no território. Seu trabalho aproxima a arte contemporânea das estratégias de monumentalização e espetáculo típicas do universo sertanejo. Já Divino Diesel exibe uma dupla de bois em fibra de vidro, continuidade de um trabalho que desenvolve há mais de três décadas. Comuns em feiras agropecuárias, praças e portais de cidades, esses bois são reconhecidos como monumentos populares do agronegócio.

Neste eixo, a exposição busca gerar fricção entre repertórios populares e arte contemporânea, provocando encontros entre a crítica e a afetividade que estruturam a paisagem visual do Brasil Central.





[página anterior]

Camila & Thiago

Registro de show de abertura da exposição
em 13 de maio de 2025, às 19h.

Glauco Gonçalves

Sem título, 2025

Fita k7 de polkas e guarâncias paraguaias original dos anos
1940, fita k7 de Milionário & José Rico subvertida em sua capa
que passa a ter Jiraya Uai acompanhando José Rico
11 x 7 cm

[página a seguir]

Emilliano Freitas

Ópera sertaneja, 2025
Projeto de encenação
133 x 287 cm





Glauco Gonçalves

Carro de boy, 2025

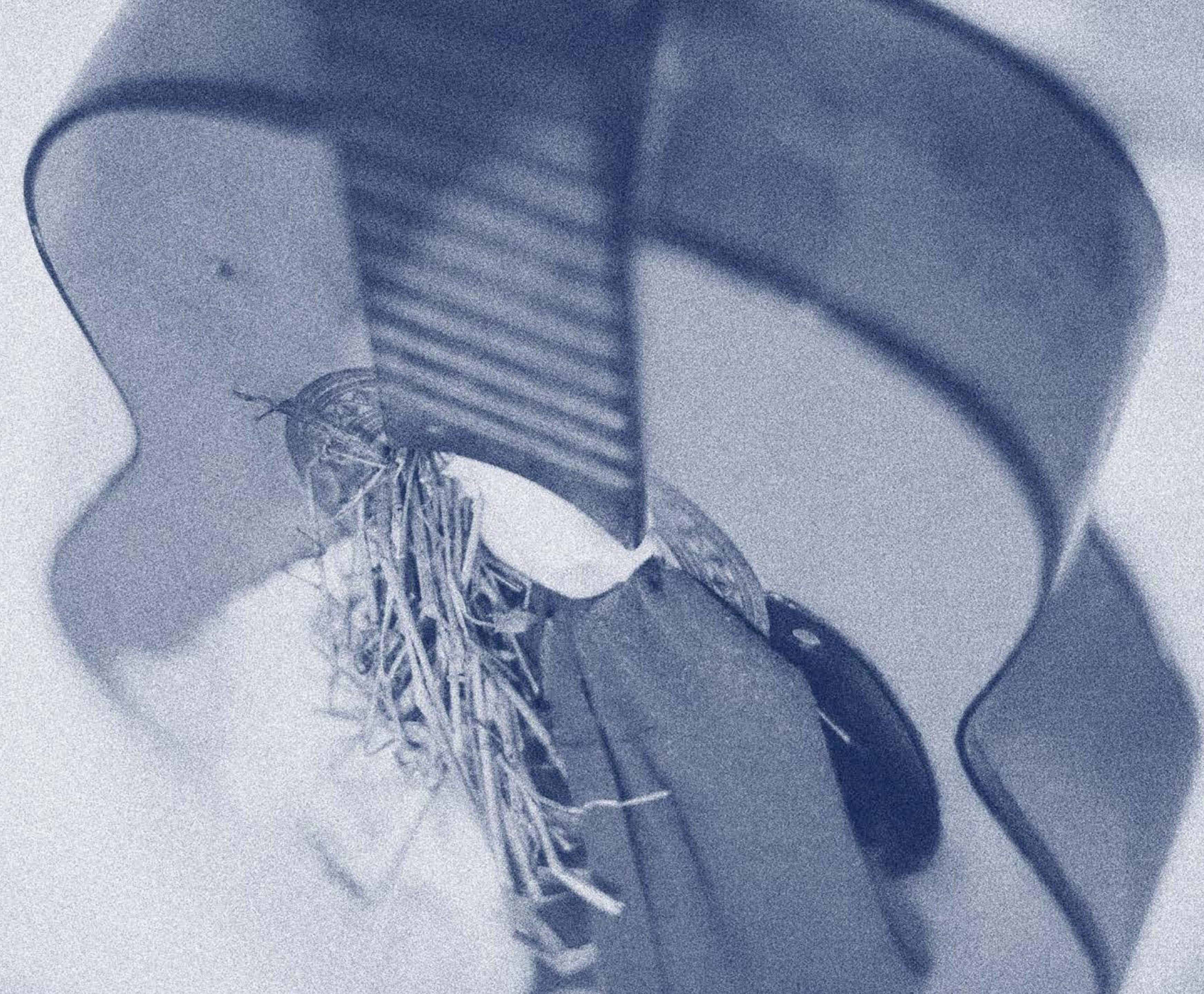
Carro de boi, caixas de som automotivo, garrafa de Paratudo e imagem do Divino Pai Eterno
182 x 411 x 138 cm

[página a seguir]

Isabella Brito

Goela, 2021-2025

Violão, trapos, palha e estopa
76 x 27 x 8 cm



**Nessa viola eu canto e gemo de verdade /
Cada toada representa uma saudade**

(*Tristeza do jeca*, Angelino de Oliveira, 1918)

No sertanejo moderno, frequentemente recai um olhar de julgamento, como se representasse uma “piora” da música caipira. Esta, ligada à cultura rural, à oralidade, às pequenas festas, às modas de viola, ao trabalho e à religiosidade, aparece muitas vezes como expressão autêntica, enquanto o sertanejo moderno é visto como desvio e aceno deliberado ao conservadorismo e aos conchavos dos homens do agronegócio. Já o sertanejo contemporâneo é ao mesmo tempo desdobramento e ruptura dessa tradição, marcado por transformações sociais e políticas que envolvem a urbanização, o espetáculo e a indústria cultural. Entre a música caipira e o sertanejo moderno há continuidade e conflito: dois modos de cantar o território, o trabalho e o amor, ora próximos, ora em disputa.

Os artistas Camila e Thiago, irmãos nascidos em Firminópolis (GO) e atualmente radicados em Goiânia, se apresentam na abertura desta mostra. O gesto, embora pareça simples, é radical: trazer a música não apenas como

tema, mas como presença viva, como corpo, voz e violão, como performance em ato. Dois jovens artistas, uma dupla, como tantas outras emergentes ou consolidadas da cena cultural de Goiânia, que se lançam ao público, experimentam, arriscam, dão a cara a tapa, afirmando a vitalidade da música como parte do tecido vivo da cultura local. Goiânia, reconhecida como a capital brasileira do sertanejo, é destino de muitos músicos que iniciam seus sonhos em bares e enfrentam a dureza do cotidiano. Por que não acolher essa força nesta exposição de arte realizada em um equipamento cultural público e universitário?

Em um exercício fino, Glauco Gonçalves costura polca, guarânia e sertanejo, traçando uma linha sonora entre as latinidades e o Brasil Central. A polca e a guarânia são gêneros musicais originários do Paraguai que desempenham um papel central na cultura musical do país e de regiões vizinhas, como o Mato Grosso do Sul, tendo influenciado profundamente

a formação do repertório da música caipira. Entre o violão vilipendiado de Isabella Brito, crítica à opressão do agronegócio sobre a cultura caipira, e o carro de *boy* sonorizado por Gonçalves, a música aparece como campo de disputa e transformação permanentes.

Essas obras, no entanto, não tratam a cultura como algo fixado em uma moldura nostálgica, congelada no tempo, como muitos enxergam a música caipira. Revelam, ao contrário, sua potência de metamorfose: uma cultura viva, porosa, que absorve outros elementos musicais e visuais, como o eletrônico, o funk e o som de MC's que, nesse movimento, produz novas formas populares, entre elas o eletrofunk e o eletronejo, sucesso nas periferias. O trabalho de artistas como o goiano Jiraya Uai, que mistura sonoridades do sertanejo, do pop e da música eletrônica, evidencia novas paisagens sonoras que ganham força no Brasil contemporâneo.



Renato Reno

Pamonha, 2025

Pastel seco, pastel oleoso, lápis de cor e tinta

acrílica a base de água rosa sobre papel

100 % algodão

76 x 56 cm





Antônio Poteiro

O Taioba, 1975

Óleo sobre duratex

Coleção Paulo Fernando Florentino

24 x 19,5 cm

73

Emilliano Freitas

*Quando tocou Teodoro e Sampaio no
aniversário do meu bisavô, 2025*

Esmalte de unha sobre papel Canson Figueras

133 x 287 cm





Octo Marques

Casamento na roça, s/d

Óleo sobre tela

Coleção Luana Marques Otto

22 x 16 cm

75

Octo Marques

Casamento na roça, 1984

Aquarela

Coleção Luana Marques Otto

25 x 21 cm



Octo Marques

Rumo ao pagode, s/d

Óleo sobre tela

Coleção Luana Marques Otto

22 x 17 cm





Octo Marques

Fazenda no rio cristalino (I) Araguaia, s/d
Óleo sobre tela
Coleção Luana Marques Otto
25 x 21 cm

**Alô, galera de caubói / Alô, galera de peão /
Quem gosta de rodeio / Bate forte com a mão /
Sinto um clima é dia de rodeio / Todo mundo se arrumou /
A alegria de um país inteiro / Festa de interior**

(Clima de rodeio, Dallas Company, 2002)

Roça e cidade formam um binômio que constitui Goiás. Pensar este território é reconhecer que a festa é parte da paisagem e da experiência cotidiana, marcada pelo canto, pela dança e pela celebração. A festa, historicamente, não é apenas entretenimento: ela organiza socialmente o tempo, a memória e o corpo coletivo, em rituais como batizados, casamentos, colheitas e liturgias sazonais. Entre o tempo da roça e o tempo da cidade, a festa insiste em acontecer. Goiás canta, dança e cozinha em seu território: pamonha quente, acordes de viola, sanfona no colo, casamento na roça, cerveja e pagode, Rio Araguaia, pescaria e estradas empoeiradas.

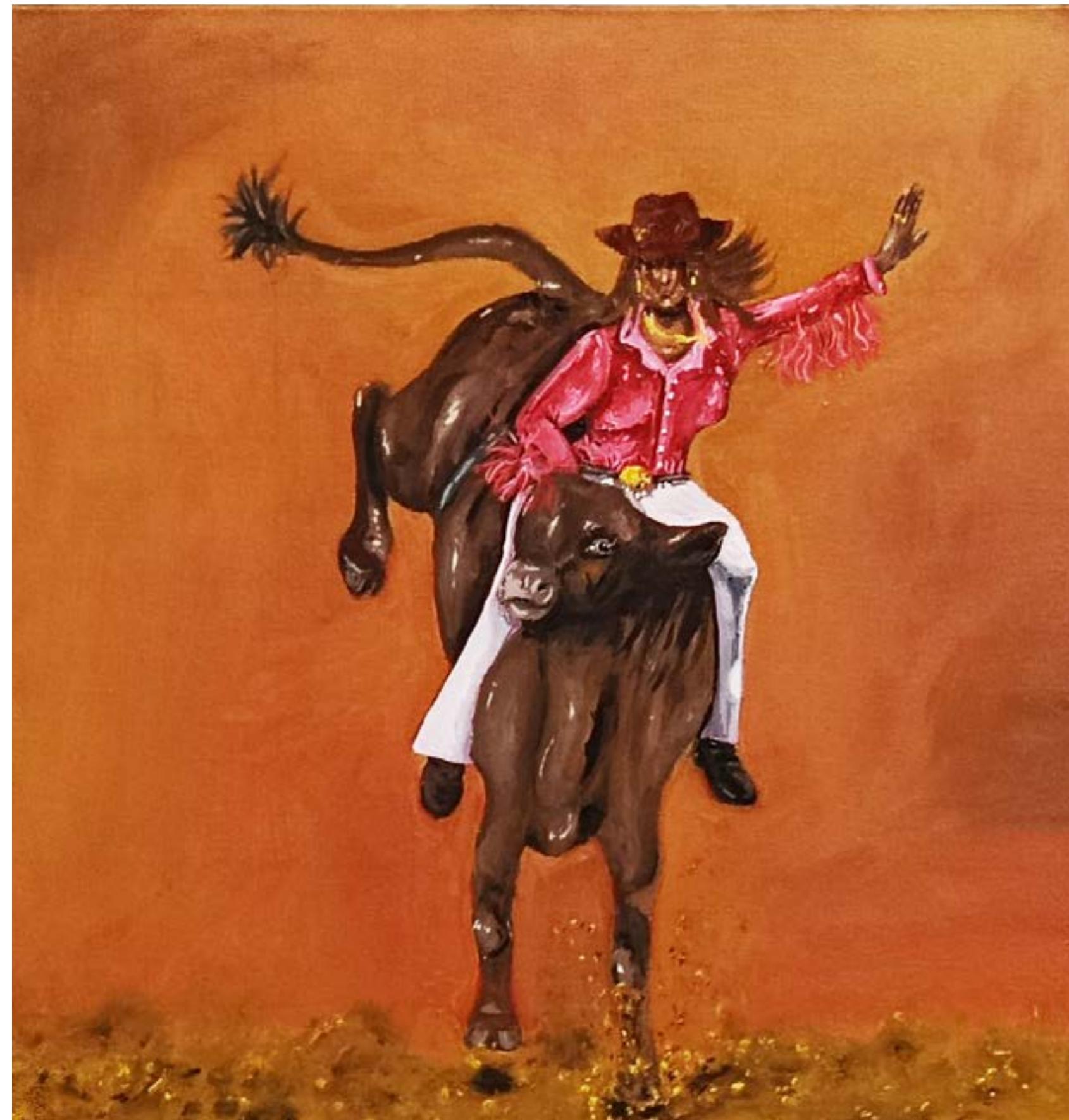
As obras reunidas neste eixo não pretendem apenas representar a festa, mas ativar memórias e gestos. Mais do que cenas pitorescas ou registros de um tempo passado, são manifestações de uma festa que se reinventa nos dias de hoje. Nas pinturas de Octo Marques, o casamento, o pagode e as festas populares aparecem como celebração da coletividade, em cenas do cotidiano, da alegria e da religiosidade.

Destaca-se também uma pequena pintura de Antonio Poteiro, artista amplamente reconhecido por suas grandes telas repletas de figuras, detalhes e cores intensas. No entanto, aqui apresentamos uma obra menos conhecida: uma pintura de pequeno formato, realizada ainda na década de 1970, sobre duratex, em seus primeiros anos como pintor. Nela, um pequeno violeiro ocupa o centro da imagem, reafirmando a música como expressão essencial da vida cotidiana em Goiás. Se o formato é modesto, sua presença na exposição é fundamental.

Com traços soltos e camadas sobrepostas de cor e matéria, o artista Renato Reno privilegia um importante símbolo da identidade goiana, a pamonha. Ele evoca as festas no espaço íntimo das reuniões familiares, regadas a comida e afeto que se entrelaçam em partilha e fartura. Emílio Freitas, em sua pintura, revisita a festa de seu bisavô em 1995, registrada por uma câmera VHS e marcada pela trilha sonora de Teodoro & Sampaio, dupla de sucesso que lançou mais de 35 discos ao longo de sua carreira.







Verônica Santana

De boiadeiros e bordéis, 2025

De boiadas e boiadeiros, 2025

Óleo sobre tela

40 x 40 cm





[página anterior]

Ana Flávia Marú

Caroneiras
Jardineira
(da série *Mulher típica*), 2025

Molduras em cerâmica, miniaturas
humanas de plástico (esc.1:100), cabeça
de formiga saúva, cola e imã
10 x 9 cm
11 x 11 cm
17 x 16 cm

Benedito Ferreira

*É hora de parar com a presepada
respeita a sua namorada*, 2025
Letreiros de tinta acrílica em tecido sedalina
75 x 700 cm

**Se alguém passar por ela / Fique em silêncio, não aponte o dedo /
Não julgue tão cedo / Ela tem motivos pra estar desse jeito /
Isso é preconceito / Viveu tanto desprezo /
Que até Deus duvida e chora lá de cima /
Era só uma menina / Que dedicou a vida a amores de quinta**

(*Troca de calçada*, Marília Mendonça, 2021)

Em 1995, a TV Globo exibiu o especial *Amigos*, reunindo as duplas Chitãozinho & Xororó, Zezé Di Camargo & Luciano e Leandro & Leonardo, em uma celebração que se tornou marco na história da música sertaneja. Em 2024, quase três décadas depois, a emissora apresentou o especial *Amigas*, com Ana Castela, Maiara & Maraisa, Simone Mendes e Lauana Prado em duetos inéditos. A releitura não apenas homenageou o formato original, como também evidenciou a ascensão das mulheres, história que remonta a Inezita Barroso, que nos anos 1950 já fazia enorme sucesso com *Marvada pinga*, e tem em Roberta Miranda, nos anos 1980, uma das suas precursoras mais notáveis.

Roberta Miranda, natural de João Pessoa (PB), consagrada pelo público como a Rainha Sertaneja, vendeu mais de 28 milhões de cópias. Iniciou sua carreira artística como maquiadora

e assistente de estúdio, atividades que lhe permitiam sustento enquanto buscava se aproximar de produtores musicais para que ouvissem suas composições. O pesquisador Gustavo Alonso recorda que, na década de 80, além da trajetória de Roberta Miranda, cujo primeiro disco foi lançado em 1986, destaca-se também a gravação da canção *Nuvem de Lágrimas* (1989) por Fafá de Belém, ainda que a cantora paraense não tenha se especializado no gênero sertanejo.

A estrutura patriarcal começou a ser problematizada de forma mais aguda nos últimos anos, especialmente com a ascensão de vozes femininas como Paula Fernandes, Marília Mendonça, Maiara & Maraisa, Simone & Simaria, Naiara Azevedo e Lauana Prado, que se identifica publicamente como bissexual. Essas artistas deslocam a mulher da posição

passiva para o lugar de narradora de suas dores, desejos e denúncias. Paralelamente, emergem artistas dissidentes como Gabeu, Alice Marcone e a *drag queen* Reddy Allor, que, ao cantarem suas experiências, propõem o que chamam de *queernejo*.

Este eixo reúne obras que questionam os papéis tradicionais e afirmam uma política de resistência e reinvenção, abrindo espaço para outras presenças e narrativas. A artista Verônica Santana apresenta não apenas suas cantoras sertanejas travestis, mas também duas travestis boiadeiras. As obras recebem títulos de canções de Helena Meirelles, violeira, cantora e compositora de músicas de viola caipira, por meio de um gesto de reinscrição simbólica que entrelaça memória, corpo e desejo.

A faixa instalada por Benedito Ferreira, intervenções que vem realizando desde 2022, apresenta a frase “É hora de parar com a presepada / respeita sua namorada”, versos da canção *Presepada* (2021), composta pelas amigas Marília Mendonça e Maraísa. A obra atua como dispositivo de enfrentamento simbólico, desafiando o espaço e o discurso sobre as relações afetivas.

Na obra *Sertanejas*, da série *Mulher típica*, Ana Flávia Marú parte da fotografia *Mulher típica da região de Goiás*, do acervo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para imaginar presenças que escapam às classificações coloniais e estatísticas. Suas figuras híbridas, entre humanas e formigas, emergem como formas de resistência e metamorfose, seres que insistem em existir apesar da terra revirada pelas máquinas do progresso.



CATERPILLAR

100 m

SE

104



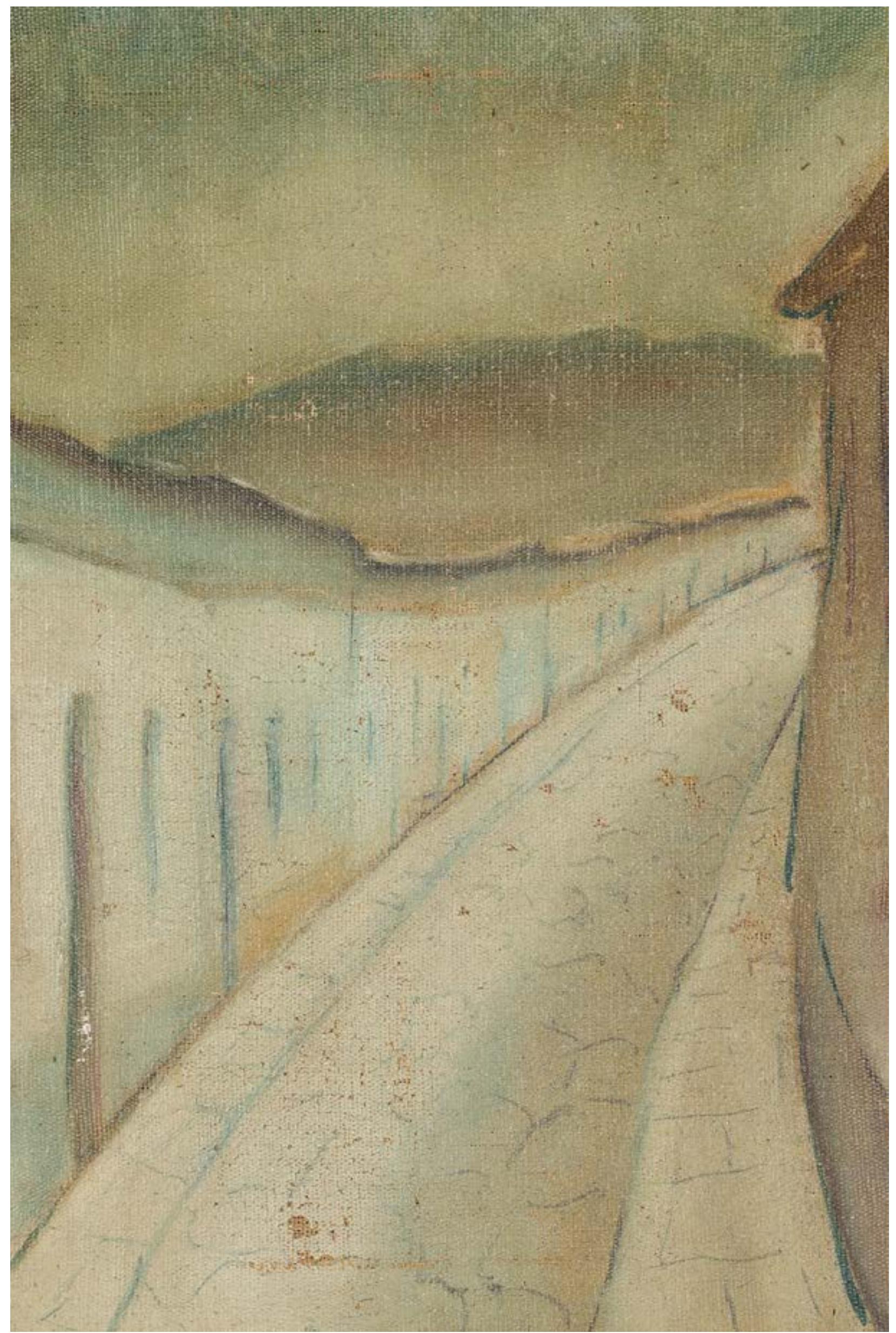
Nazareno Confaloni

Sem título, 1971

Óleo sobre tela

Coleção Sáida Cunha

50 x 70 cm



Nazareno Confalonì

Sem título, s/d

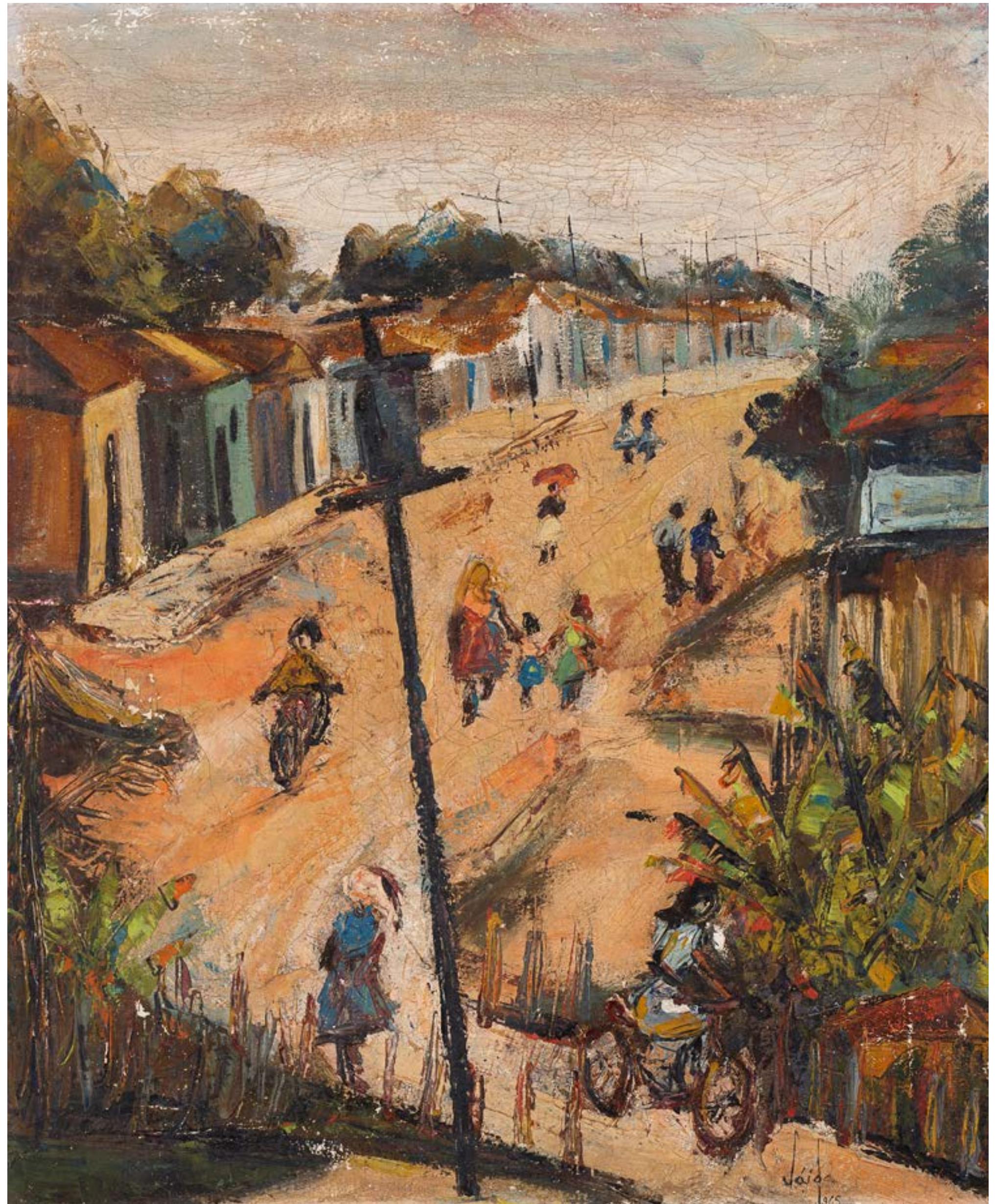
Óleo sobre tela

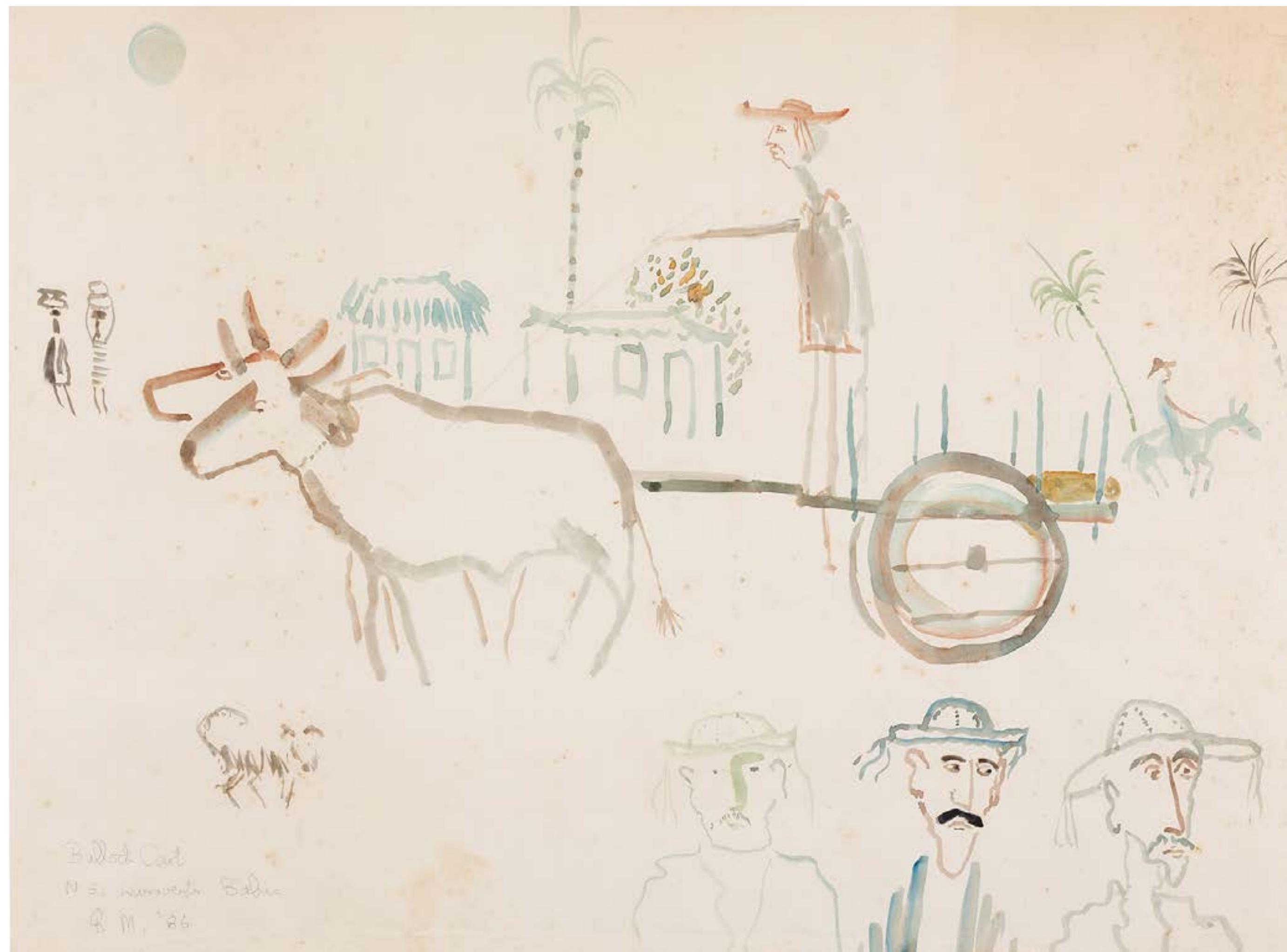
Coleção Sáida Cunha

31 x 21 cm

Sáida Cunha

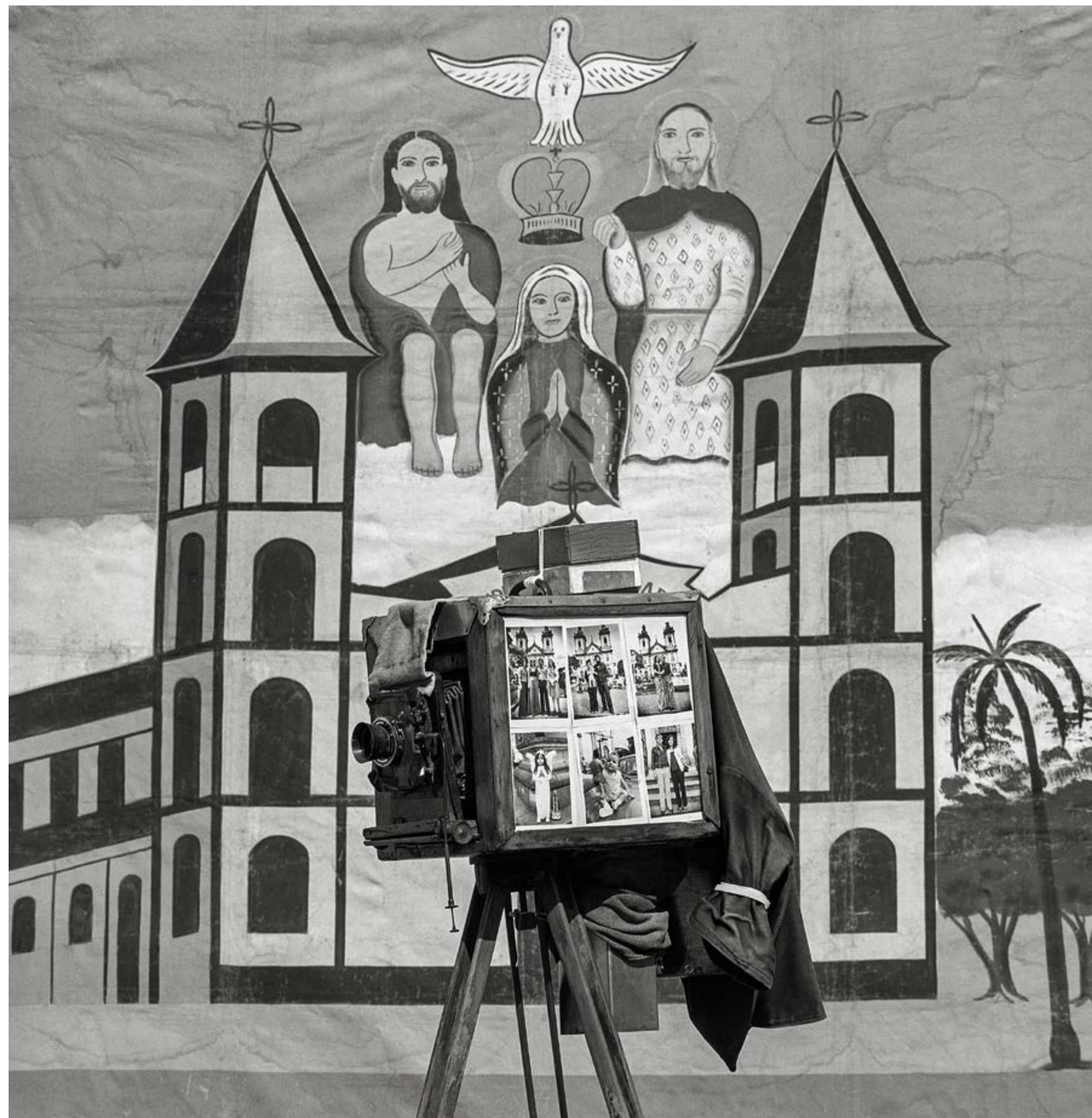
Sem título, 1965
Óleo sobre tela
60 x 50 cm





Robin MacGregor

Bullock cart, 1986
Aquarela sobre papel
Coleção Família MacGregor
47 x 65 cm



Samuel Costa

Sem título (Lembrança de Trindade), 1987

Conjunto de fotografias analógicas impressas em papel photo matte

Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO

45 x 45 cm



Samuel Costa

Sem título (Lembrança de Trindade), 1987

Conjunto de fotografias analógicas impressas em papel photo matte

Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO

45 x 45 cm



Samuel Costa

Sem título (Lembrança de Trindade), 1987

Conjunto de fotografias analógicas impressas em papel photo matte

Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO

45 x 45 cm



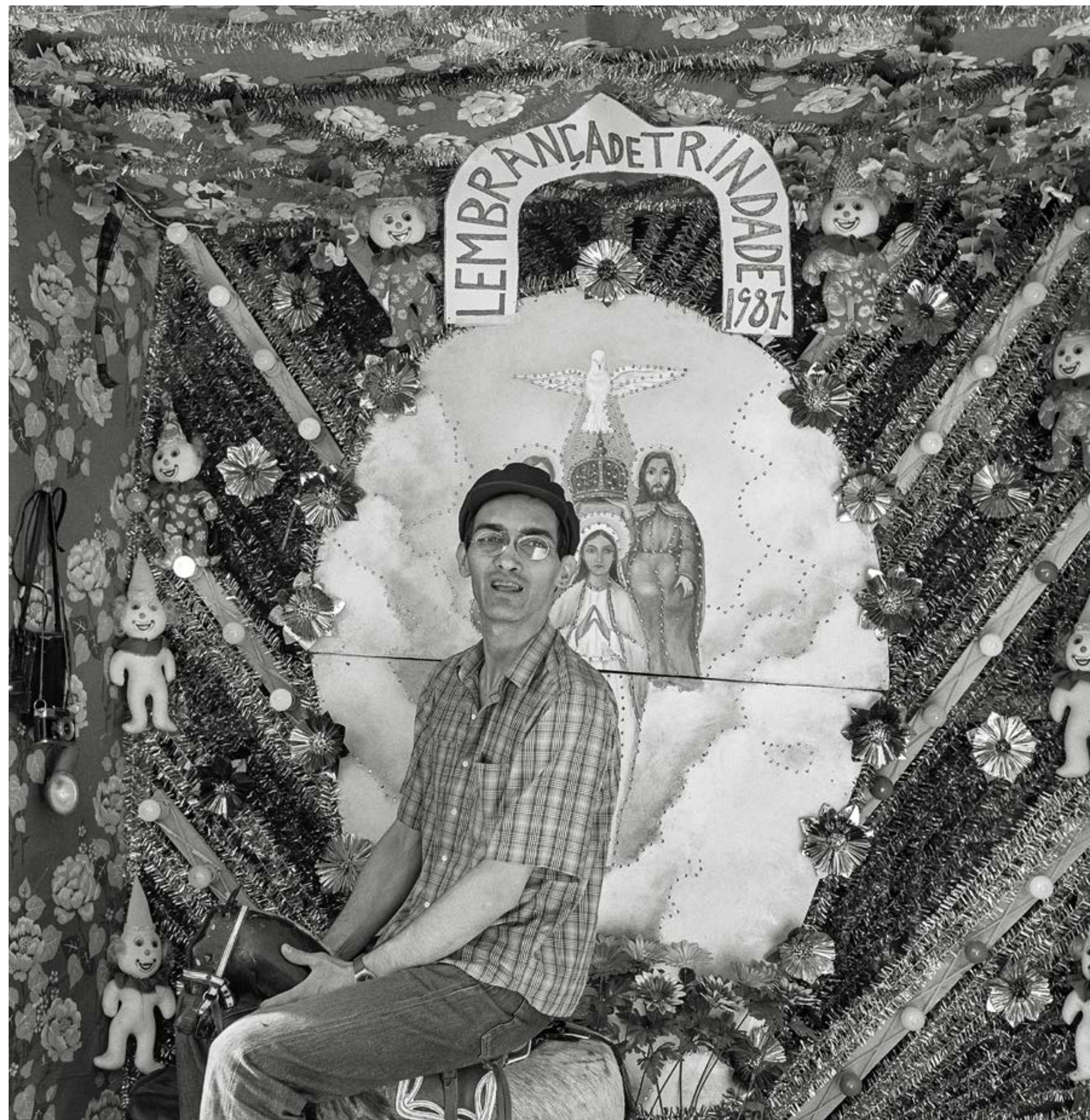
Samuel Costa

Sem título (Lembrança de Trindade), 1987

Conjunto de fotografias analógicas impressas em papel photo matte

Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO

45 x 45 cm



Fotógrafo não identificado

Retrato de Samuel Costa, 1987

Fotografia analógica impressa em papel photo mate

Acervo Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS/GO

45 x 45 cm

Paulo Fogaça

Sem título (da série *Hieróglifos*), 1977

Serigrafia sobre papel

Acervo Centro Cultural UFG

45 x 30 cm





Manoel Gomes

Sem título, 2006-2011

Fotografia digital

Coleção Maria Tereza Gomes

20 x 30 cm (cada)

99

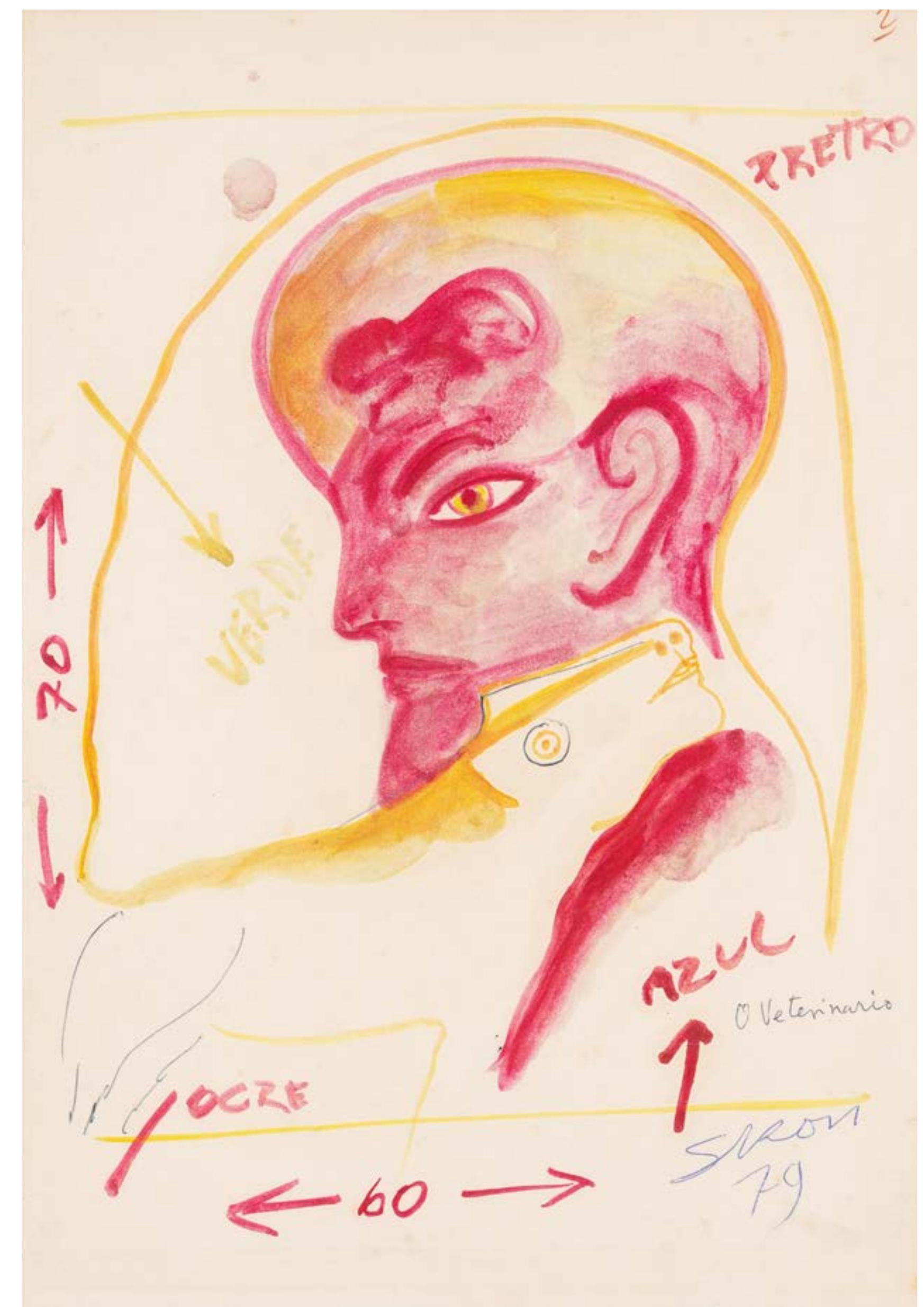
Siron Franco

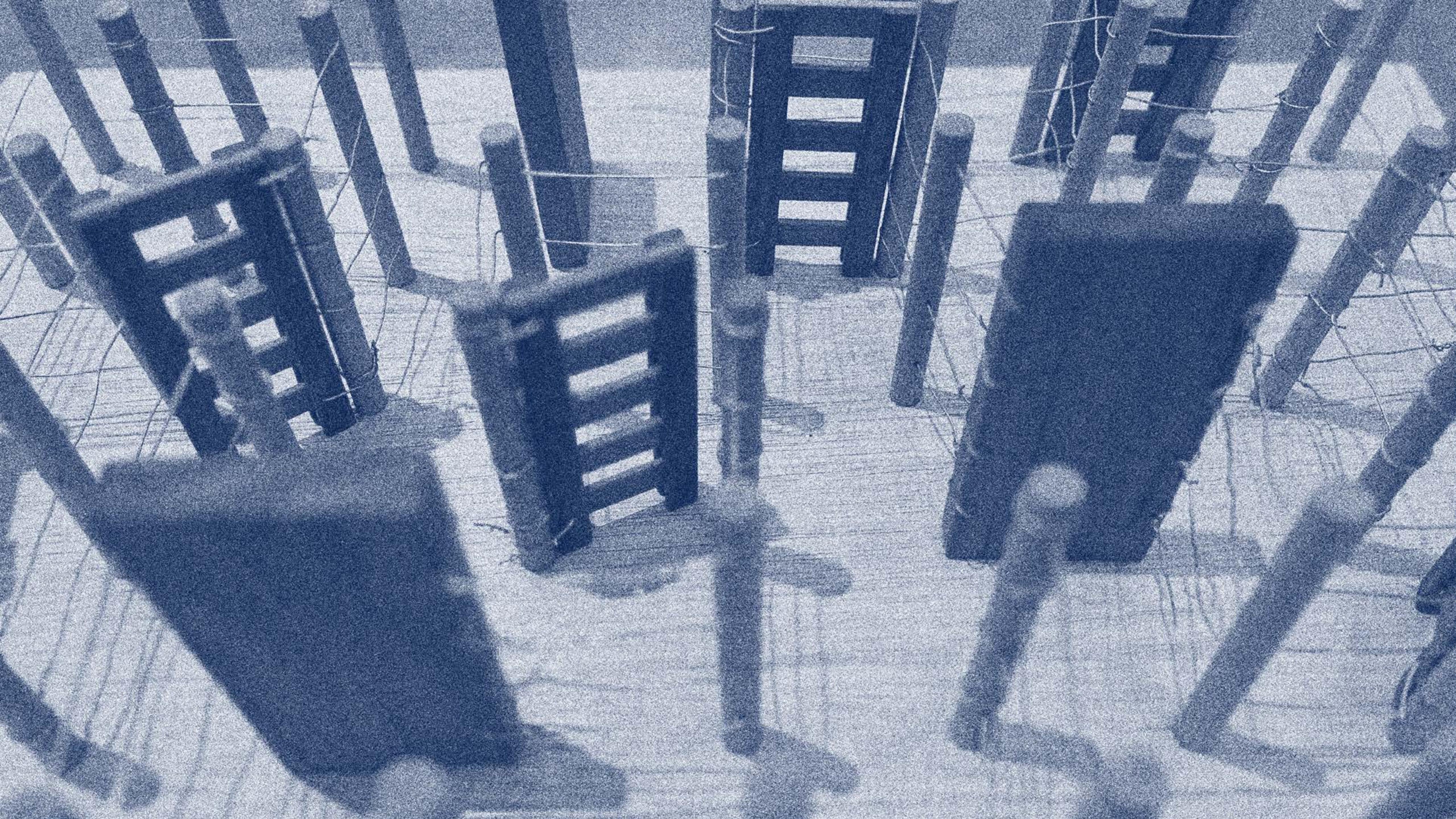
O veterinário, 1979

Guache sobre papel

Coleção Paulo Fernando Florentino

31 x 21 cm





Talles Lopes

Curral, 2016-2025

Maquete em madeira

49 x 70 x 15



Diego Oliveira

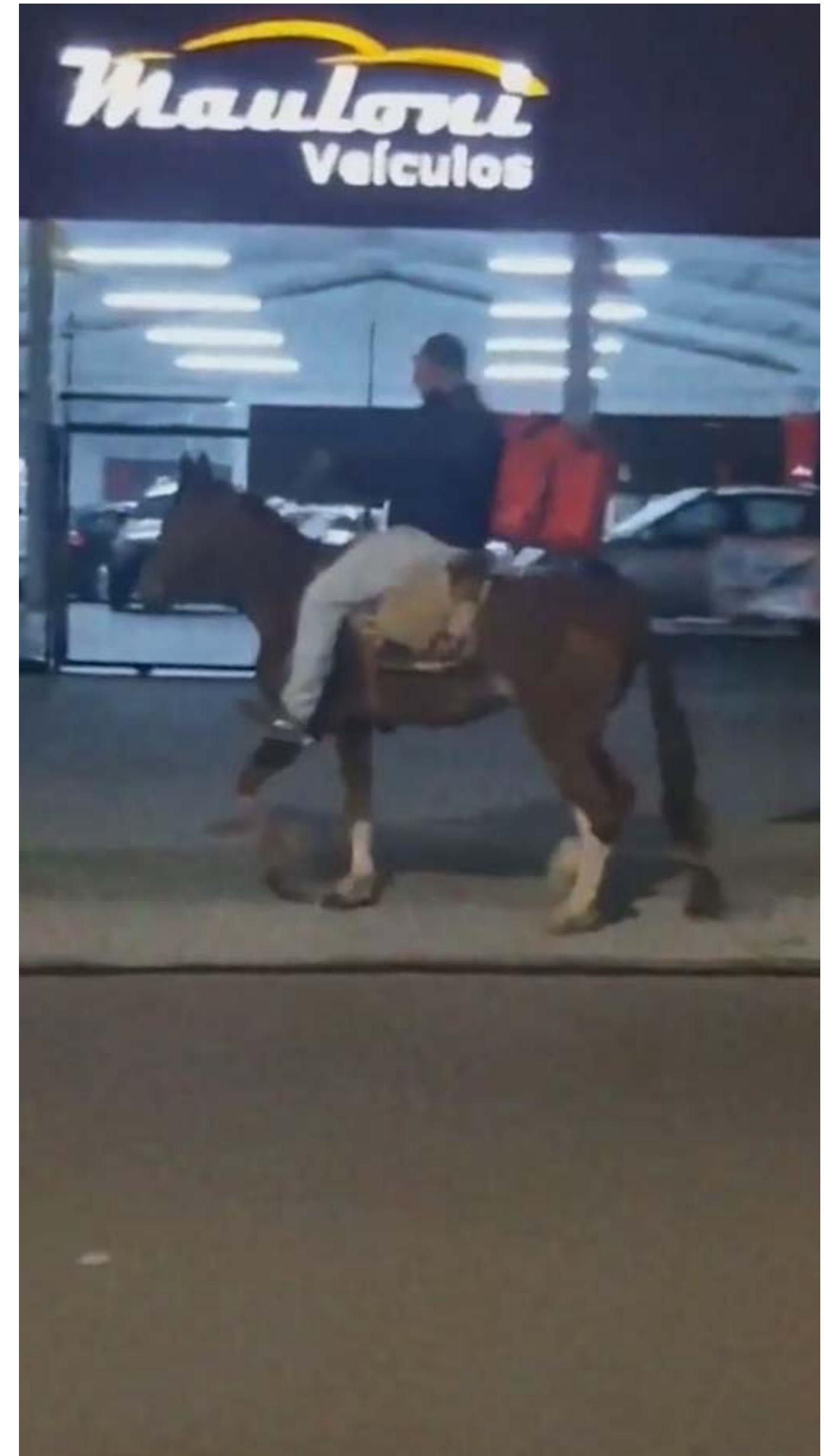
Colocar a moto na frente das carroças (da série *Sertanejo Nato*), 2024

Vídeo, 55" loop

102

Diego Oliveira

Chama no iFood, 2025
Vídeo, 33" loop



Tô indo agora prum lugar todinho meu /

Quero uma rede preguiçosa pra deitar /

Em minha volta, sinfonia de pardais /

Cantando para a majestade, o sabiá

(*Majestade, o sabiá*, Roberta Miranda, 1985)

Nos anos 1980 e 1990, com o sertanejo romântico, a cidade abastece a narrativa: os amores tornam-se urbanos, os bares e boates se transformam em palco da mágoa, como em *Nesta cidade* (1987), de Amado Batista, e *Desculpe, mas eu vou chorar* (1998), de Leandro & Leonardo. A cidade aparece como promessa e como fratura, cenário da migração do campo, enquanto outras canções idealizam a roça como espaço perdido ou desejado, como em *Majestade, o Sabiá* e *Coração Sertanejo*.

As obras reunidas neste eixo exploram relações entre paisagem e memória. Nas pinturas de Nazareno Confaloni e Sáida Cunha, a história de uma amizade se entrelaça com a história das artes visuais em Goiás. Professores e pintores, eles partilharam olhares sobre a cidade em transformação, registrando paisagens que, antes pouco habitadas, hoje abrigam espaços como o extenso terreno da Exposição Agropecuária

de Goiás, a Pecuária. Outro artista estrangeiro que se deixou afetar por este território foi Robin MacGregor, que também abordou em sua obra a paisagem rural goiana e a região da tríplice fronteira entre Bahia, Minas Gerais e Goiás.

Embora Samuel Costa tenha desenvolvido sua carreira fotográfica em Paris, é durante suas visitas a Jataí (GO), cidade onde nasceu, que realiza uma investigação visual centrada na paisagem rural. Nessas ocasiões, percorre fazendas do município com sua câmera, registrando cercas, pastos, bois, currais e estradas. Para esta exposição, foram reunidas seis fotografias de seu arquivo doado ao Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO), sendo uma que mostra duas crianças nas minas de esmeraldas de Santa Terezinha de Goiás e um conjunto inédito que registra uma viagem do artista a Trindade (GO), realizada em 1987, ano de seu falecimento em Goiânia.

Na obra *Hieróglifo*, de Paulo Fogaça, o arame farpado materializa a repressão e a violência social da ditadura militar brasileira, período marcado pela intensificação predatória do agronegócio, a concentração de terras, a modernização excludente da agricultura e a repressão às lutas pela reforma agrária. Esses processos respondem à lógica colonial de ocupação violenta do território, marcada pela expulsão de povos originários, escravização de populações negras e apropriação privada da terra.

O arame farpado ecoa nas fotografias de Manoel Gomes, fotógrafo especializado em imagens de gado de raça, cujos registros evidenciam a transformação do território rural, agora dominado por monoculturas e criação intensiva. Produzidas com rigor técnico e tratamento digital, suas imagens circularam amplamente em revistas como

Entre-Raças e *Rebanho*. Neste conjunto, essas imagens dialogam com a presença de um veterinário criado por Siron Franco.

Talles Lopes apresenta a obra *Curral*, projeto que propõe o desenho de um espaço labiríntico, articulado de modo que ao se abrir uma passagem, automaticamente fecha-se outra. O curral, mais do que espaço de confinamento animal, surge como dispositivo simbólico das arquiteturas de poder que configuram o território.

Por fim, os vídeos de Diego Oliveira investigam os deslocamentos entre campo e cidade. O artista reúne registros em que carroças são adaptadas para motocicletas e de entregadores de aplicativos como *iFood* que, em vez de motocicletas, usam cavalos para realizar as entregas.

centro cultural

UFG



**não
vou
negar**

artes visuais, território e
música sertanejo

14/5 a 28/6/2025
terça a sexta 10h - 18h
sábado 9h - 13h

13/6 a 19h

www.dolhar.com.br

Facebook: @dolharoficial

Instagram: @dolharoficial

Twitter: @dolharoficial

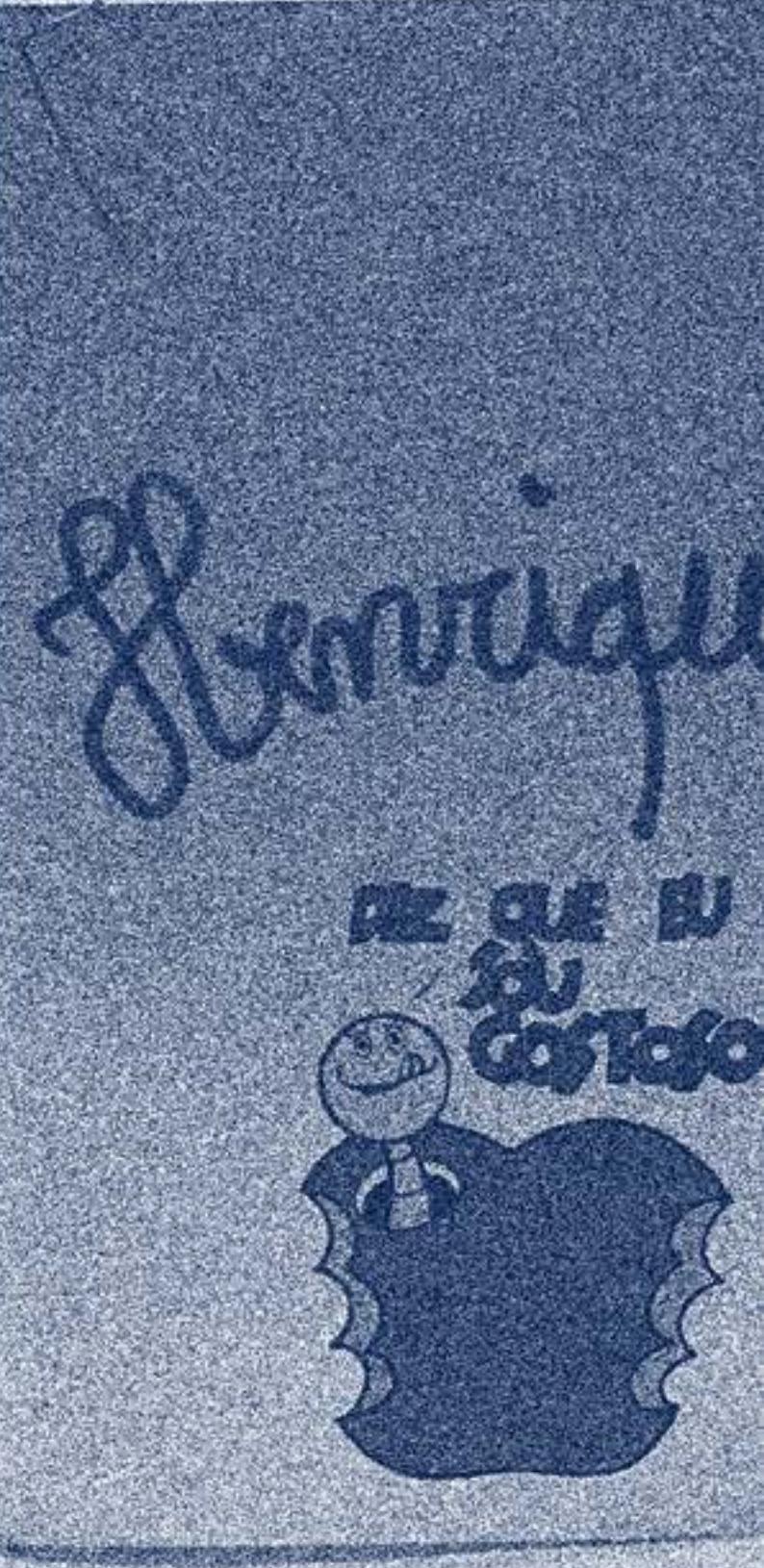
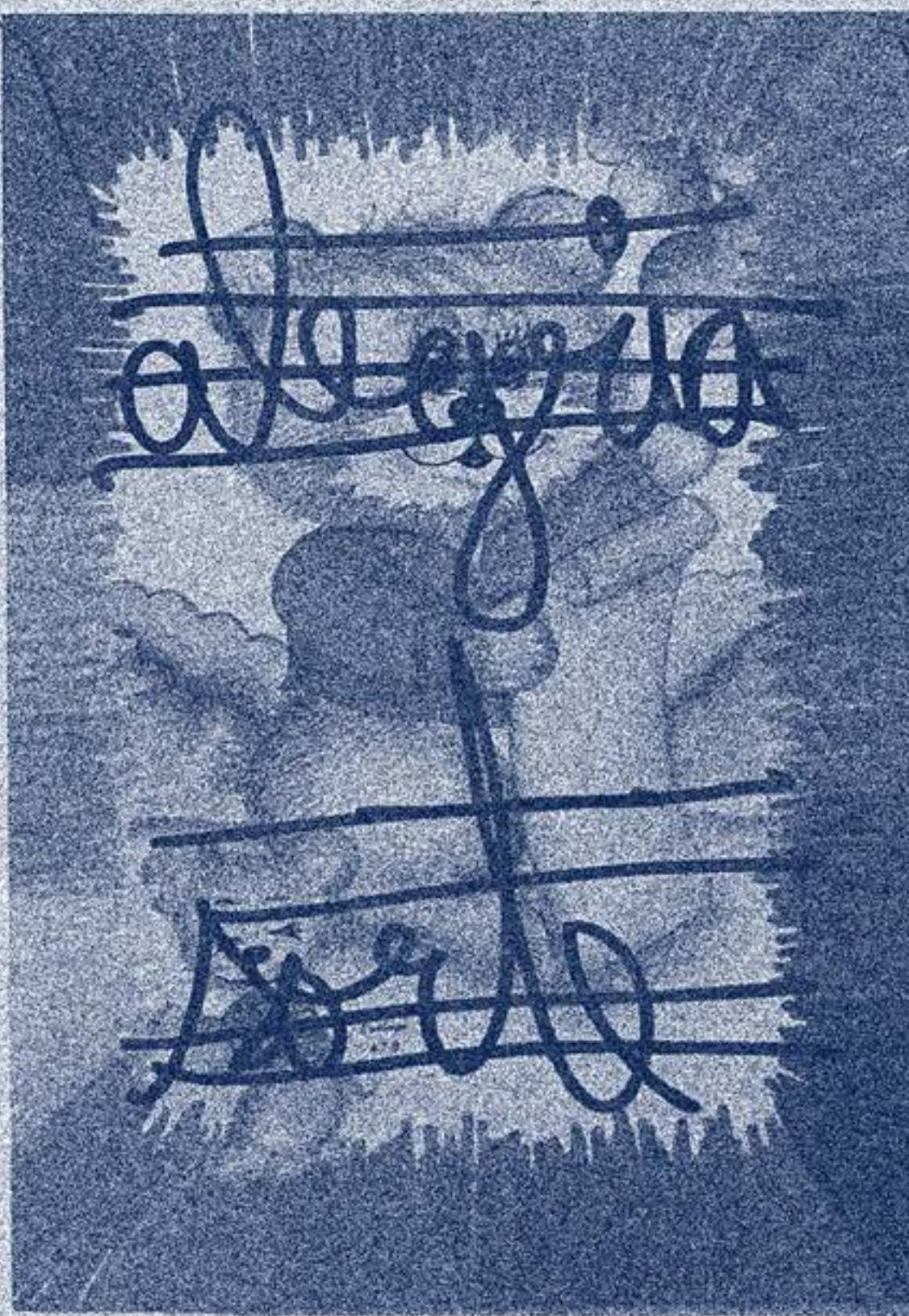
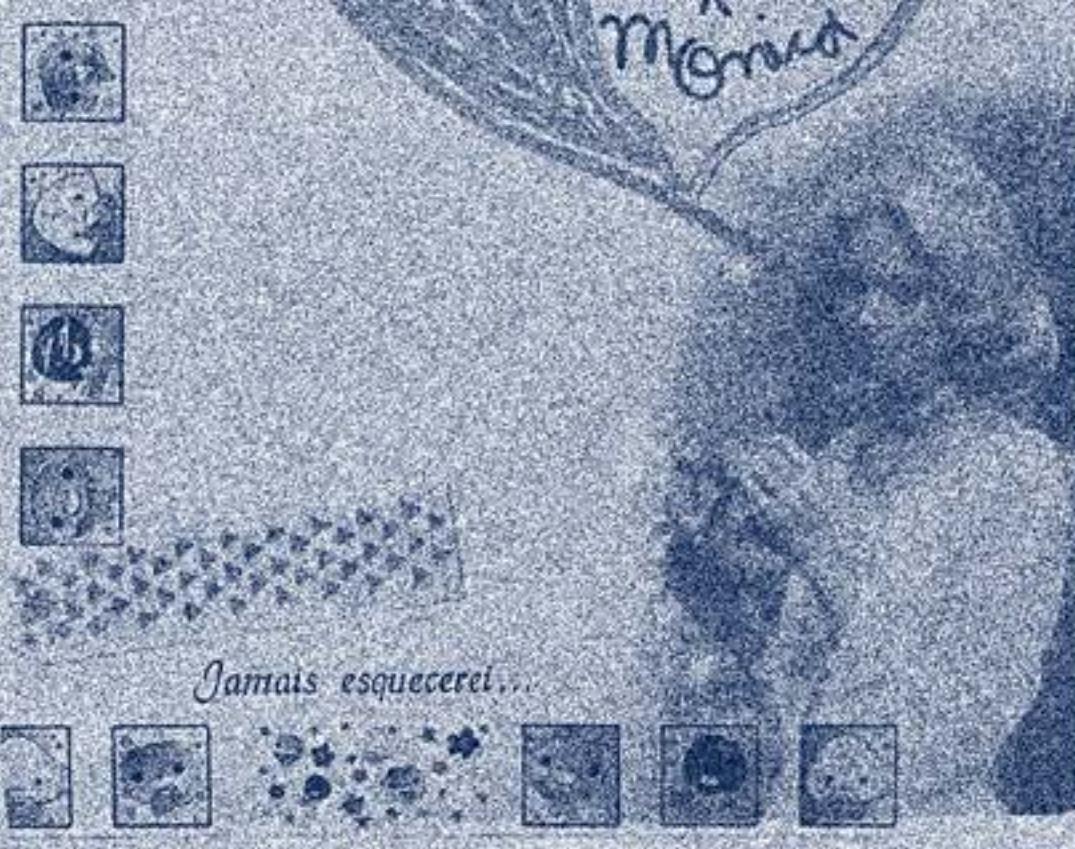
YouTube: @dolharoficial

Participantes: Moxise, EGOIAS, PMAF, etc.



CERVEJA
FOGONRABO

Morone
Bruno
acústico
melhor álbum
da vida



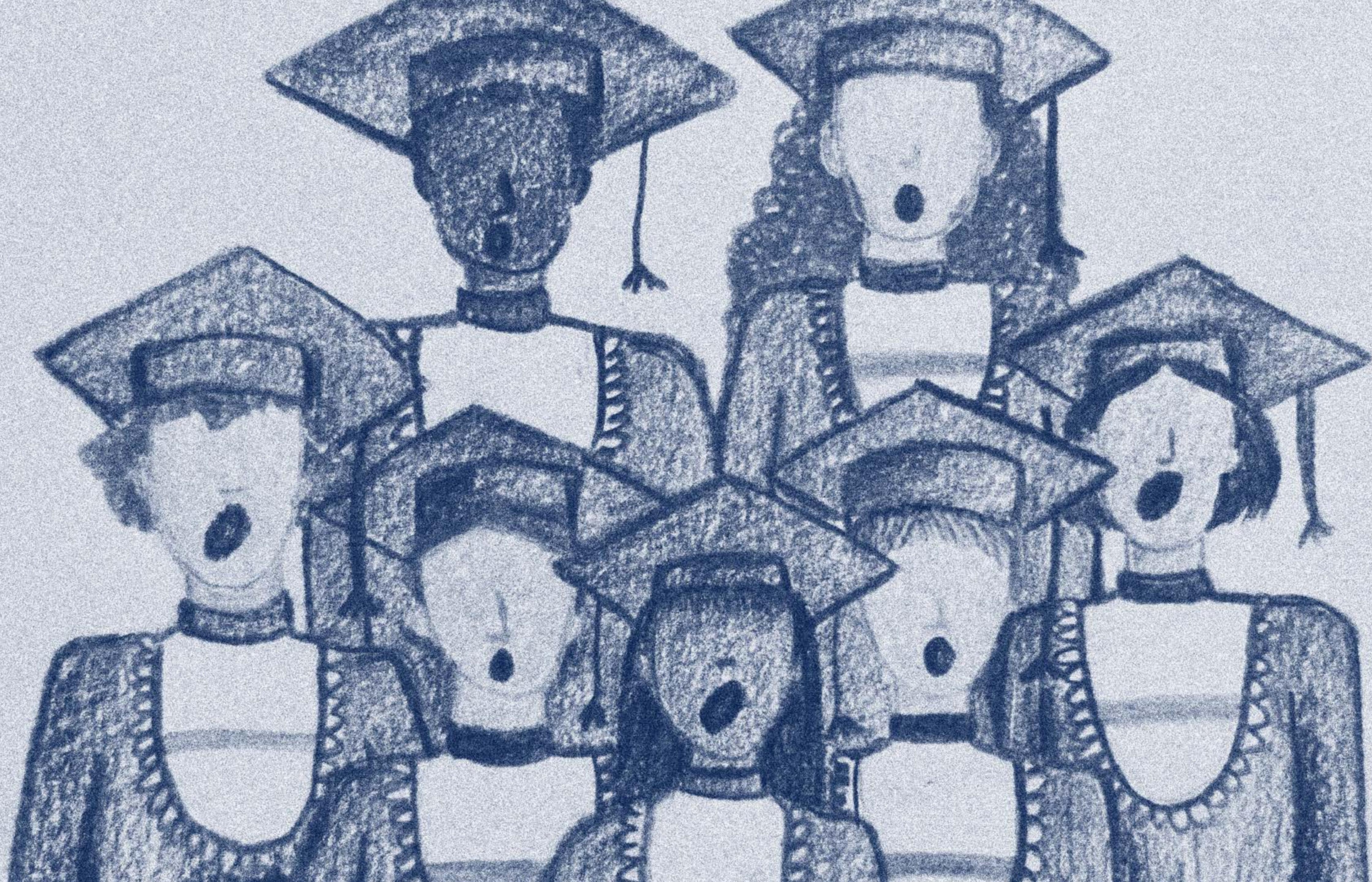
GO CO
M.
B
R

JOSÉ RICARDO
A. JURAYA UAI





ações de ativação





aponta para algumas das questões que rondam esse universo: a evolução da música sertaneja até suas formas mais modernas, do sertanejo universitário ao eletronego; a centralidade da melodia, o melodrama, a sofrença e as confissões, as paixões e a presença cada vez mais forte da cidade como cenário; as identidades e dissidências que tensionam as normas urbanas, a cultura de massas, permeada por uma estética kitsch; os discursos conservadores e neoliberais. Esses eixos discursivos estão acompanhados de textos reflexivos, que podem ser visitados no percurso e sugerir aproximações possíveis entre o repertório da música sertaneja.

Paulo Duarte - Fe

VÍDEOS: QUAL É A SUA MÚSICA MÚSICA SERTANEJA PREFERIDA?

DATA: Ao longo da exposição, nas redes sociais do CCUFG

SOBRE: Durante o período da exposição, os artistas participantes respondem à pergunta “Qual é a sua música sertaneja preferida?”. Os vídeos, produzidos pela equipe de comunicação do Centro Cultural UFG, serão divulgados nas redes sociais oficiais do centro. A ação busca aproximar o público dos artistas e promover reflexões afetivas sobre o repertório sertanejo, destacando as múltiplas relações entre arte contemporânea e cultura popular.



**MESA-REDONDA: ENTRE IMAGENS E
VESTÍGIOS — A COLEÇÃO SAMUEL
COSTA E A PESQUISA EM ARQUIVO**

DATA: 16 de maio de 2025, às 14h

PARTICIPANTES: Paulo Duarte-Feitoza,
Benedito Ferreira e Keith Tito

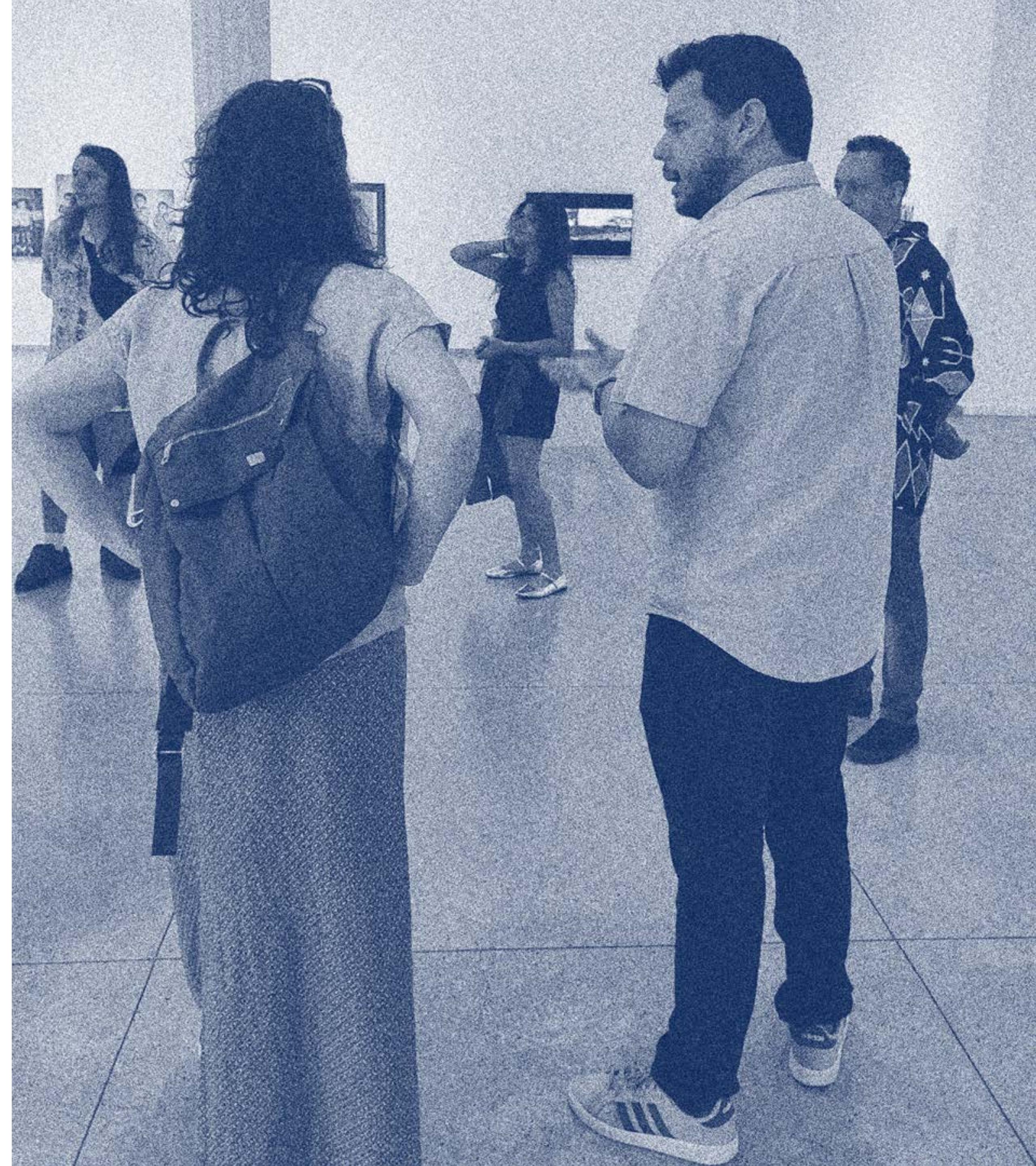
SOBRE: A atividade integra a 23ª Semana
Nacional de Museus e abordará as
especificidades da coleção do fotógrafo goiano
Samuel Costa, atualmente incorporada ao
acervo do Museu da Imagem e do Som de
Goiás (MIS-GO). A discussão refletirá sobre as
formas de aproximação dos pesquisadores
convidados às imagens e aos demais materiais
que compõem a coleção, destacando a
relevância da pesquisa em arquivos para a
produção acadêmica no campo das artes.

**VISITA GUIADA COM O CURADOR:
SEM IDEALIZAÇÃO NEM DESPREZO
— UMA VISITA AOS BASTidores**

DATA: 7 de junho de 2025, às 10h

PARTICIPANTE: Paulo Duarte-Feitoza

SOBRE: Realizada como parte da programação da Feira de Arte de Goiás (FARGO), a ação convida o público a conhecer os bastidores da exposição e a escutar os artistas envolvidos presentes, sem recorrer a estereótipos redutores nem a romantizações vazias. Ao compartilhar os conceitos que permearam a construção curatorial da mostra, busca-se revelar as camadas de pensamento e afeto que sustentam as obras, criando um espaço de escuta, crítica e partilha.



**AUDIÇÃO: QUANDO A MÚSICA
SERTANEJA ESCUTA OS ANIMAIS?**

DATA: 26 de junho de 2025, às 19h

PARTICIPANTES: Cássia Nunes
e Ana Flávia Marú

DESCRITIVO: Escuta coletiva de canções sertanejas que abordam a presença de animais, refletindo sobre as relações entre som, natureza e as transformações da sociedade.





**MESA-REDONDA: É HORA DE PARAR
COM A PRESEPADA — MULHERES
NA MÚSICA SERTANEJA**

DATA: 1º de julho, às 19h

PARTICIPANTES: Fabiana Assis, Duda Rocha, Adrielly Campos e Ana Flávia Marú (mediação)

SOBRE: Conversa sobre representatividade, mídia e protagonismo feminino no sertanejo. Em pauta, o surgimento do femeinejo, seus avanços, limites e disputas simbólicas.



**KARAOKÊ DE ENCERRAMENTO E
LANÇAMENTO DO CATÁLOGO DIGITAL:
MICROFONE COM O PÚBLICO**

DATA: 18 de julho, às 19h

SOBRE: Uma noite de celebração coletiva com microfone aberto, onde o público é convidado a cantar, brindar e compartilhar a experiência da exposição em um ambiente descontraído e afetuoso. Na ocasião, será lançado o catálogo digital da exposição, organizado por Paulo Duarte-Feitoza, Benedito Ferreira e Bia Menezes, reunindo imagens, textos críticos e reflexões sobre os processos e obras apresentadas.

participantes das ações de ativação

ADRIELLY CAMPOS

graduada em Comunicação Social – Audiovisual pela UEG, especialista em Música, Cultura e Sociedade pela UFT, mestre e doutoranda em Comunicação, Mídia e Cultura pela UFG. Inicialmente, sua pesquisa se voltou para a compreensão do mercado audiovisual no universo da música sertaneja; em seguida, investigou a história do gênero a partir da série Bem Sertanejo e, atualmente, dedica-se ao estudo do “feminejo”, com foco no discurso midiático em torno de Marília Mendonça. Profissionalmente, atuou em gravações de DVDs, videoclipes, grandes eventos como o Villa Mix e o Caldas Country, além das séries Rensga Hits (Globoplay) e Som Sertanejo (Multishow).

ANA FLÁVIA MARÚ

artista e arquiteta e urbanista pela UFG. Atualmente sua pesquisa investiga arquivos fotográficos da construção de Goiânia para, junto às formigas saúvas, criar narrativas que questionam as dinâmicas de construção e destruição no contexto moderno-colonial brasileiro. Participou em 2022 da residência Pivô Pesquisa, em 2019 da XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Integra o coletivo História Natural de Goyaz e é mestre em Projeto e Cidade pela UFG.

BENEDITO FERREIRA

artista visual e pesquisador. Doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Sua prática investiga a imagem como escrita, explorando a poética dos arquivos, suas montagens e os apagamentos das fronteiras entre "documento" e "ficção". Nos últimos anos, apresentou trabalhos e colaborou com instituições em países como Portugal, Alemanha, Uruguai, Polônia, Coreia do Sul, entre outros.

CÁSSIA NUNES

artista e educadora. Experimenta a performance como lugar para a criação de encontros, fricções de desejos e atravessamentos políticos. Possui graduação em Ciências Sociais (UFU) e mestrado em Artes da Cena (UFRJ). Integra o Acocoré - Arte, Coletivos, Conexões e Redes. Artista premiada no IV Salão de Arte em Pequenos Formatos do Museu de Arte da Britânia (2024). Atua na rede estadual de ensino e desenvolve projetos de mediação cultural em instituições de artes visuais.



**DUDA ROCHA**

cantora e compositora. Nascida em Ipatinga, Minas Gerais, Duda vem conquistando seu espaço na música sertaneja com determinação, talento e autenticidade. Dona de uma voz potente e marcante, Duda carrega, desde a infância, a paixão pela música, iniciada ao cantar na igreja. Com seis anos de carreira no sertanejo, destaca-se não apenas por sua voz impressionante, mas também por ser uma mulher negra que representa, com orgulho, a força feminina no gênero. Seu trabalho reflete suas raízes, as influências sertanejas e uma conexão genuína com o público, que se reconhece em suas canções repletas de emoção e verdade.

FABIANA ASSIS

documentarista e roteirista. Mestre em Arte e Cultura Visual (UFG) e pós-graduada em Cinema Documentário (FGV), iniciou sua trajetória em Nova Iorque, com estudos na The New School e na School of Visual Arts. Fundadora da Violeta Filmes, dirige desde 2015 o PirenópolisDoc – Festival de Documentário Brasileiro, atuando como diretora artística e curadora. Seu primeiro longa, *Parque Oeste* (2018), estreou no Festival de Brasília e foi premiado em Tiradentes. Em 2024, colaborou na pesquisa da série *Som Sertanejo* (Multishow) e atualmente assina o roteiro de uma série documental sobre Marília Mendonça, além de desenvolver projetos autorais com foco nos olhares femininos que vão do sertanejo à imigração.

KEITH TITO

historiadora e produtora cultural. Doutora em Arte e Cultura Visual. Atuou como Gerente de Museus, Bibliotecas, Instituto Goiano do Livro e Arquivo Histórico/ Secult-GO; Chefe do Núcleo de Biblioteca, Arquivo, Museu e Centro Cultural/Seduce-GO; Gerente Especial de Museus e Galerias/Seduce-GO e Diretora do Museu da Imagem e do Som de Goiás. Possui experiência nas áreas de gestão de museus, arquivo e galerias; gestão de acervos fotográficos; gestão de acervos museológicos; conservação fotográfica e curadoria.

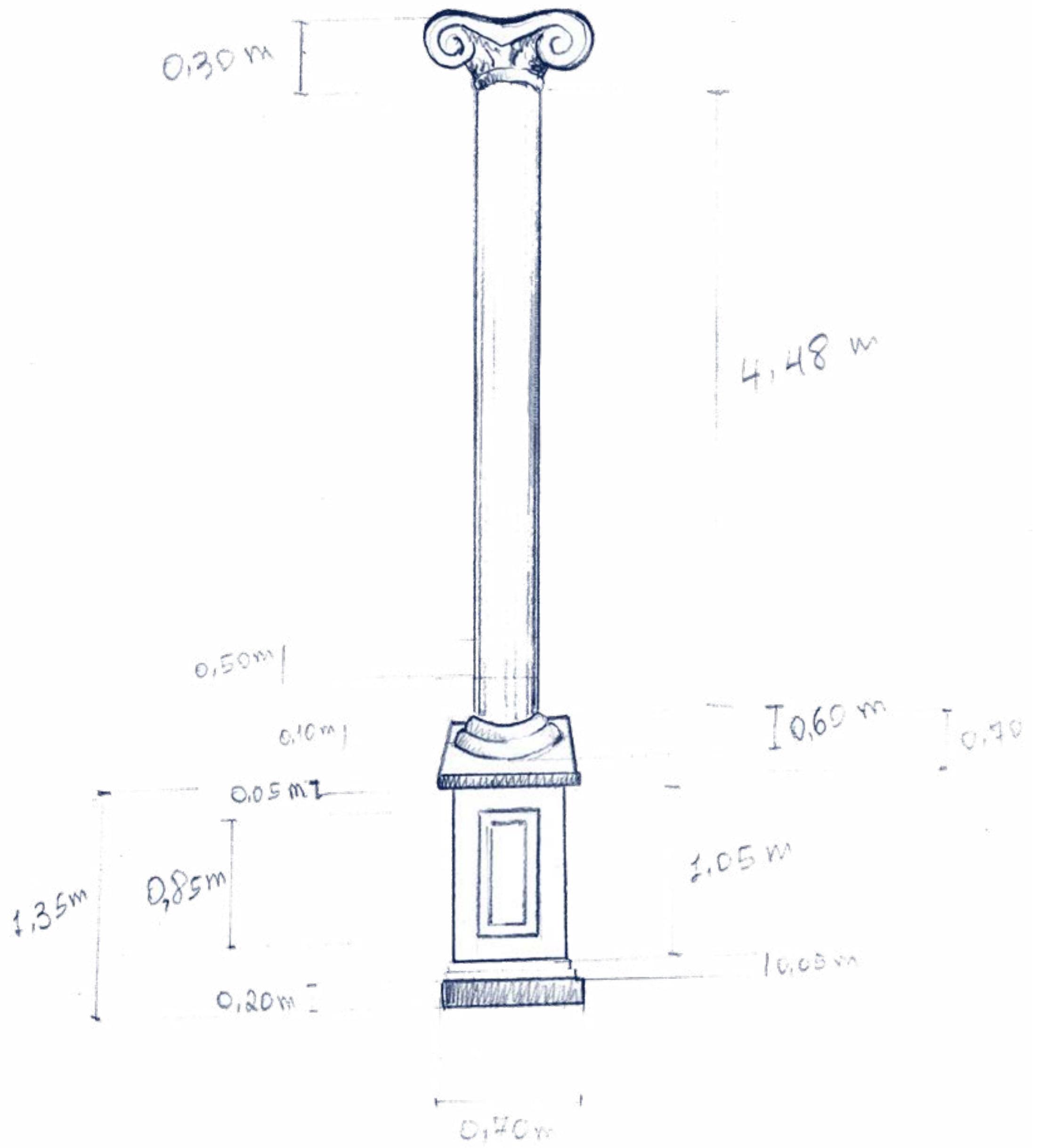
PAULO DUARTE-FEITOZA

curador, pesquisador, professor e crítico de arte. Doutor em História da Arte pela Universidade de Girona, Espanha. Professor Adjunto na Universidade Federal de Goiás e Coordenador de Programação de Artes Visuais do Centro Cultural UFG. Associado e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABC). Atuou como Professor na Universidade de Girona, vinculado ao Departamento de História e História da Arte, e como Professor Colaborador no Mestrado Interuniversitário em Gestão Cultural da Universitat Oberta de Catalunya. Foi diretor da Cátedra UNESCO de Políticas Culturais e Cooperação da Universidade de Girona.





minibios dos artistas



ANA FLÁVIA MARÚ

Itumbiara (GO), 1992. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista e Arquiteta e Urbanista pela UFG. Atualmente sua pesquisa investiga arquivos fotográficos da construção de Goiânia para, junto às formigas saúvas, criar narrativas que questionam as dinâmicas de construção e destruição no contexto moderno-colonial brasileiro. Participou em 2022 da residência Pivô Pesquisa, em 2019 da XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Integra o coletivo História Natural de Goyaz e é mestre em Projeto e Cidade pela UFG.

ANTONIO POTEIRO (ANTONIO BATISTA DE SOUZA)

Santa Cristina da Pousa, Braga (Portugal), 1925 – Goiânia (GO), 2014.

Pintor e ceramista, é reconhecido como um dos principais representantes da arte naïf brasileira. Sua obra se destaca pela abundância de personagens e riqueza de detalhes ornamentais, com temas sagrados e profanos tratados por meio de uma linguagem que combina elementos bíblicos, folclóricos, cotidianos e imaginários.

BARRANCO ATELIÊ

Anápolis (GO), 2023. Vive e trabalha em Anápolis (GO).

Formado pelos artistas Valdson Ramos, Joardo Filho e Talles Lopes, o Barranco Ateliê é um espaço de produção e cooperação profissional de artistas para artistas. O ateliê é também uma ampliação da prática de cada um dos artistas, propondo somar interesses comuns para criar um campo de experimentação conjunta, testando os limites da tradicional prática de ateliê e das próprias noções de autoria artística.

BENEDITO FERREIRA

Itapuranga (GO), 1989. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista visual e pesquisador. Doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Sua prática investiga a imagem como escrita, explorando a poética dos arquivos, suas montagens e os apagamentos das fronteiras entre “documento” e “ficção”. Nos últimos anos, apresentou trabalhos e colaborou com instituições em países como Portugal, Alemanha, Uruguai, Polônia, Coreia do Sul, entre outros.

CAMILA & THIAGO

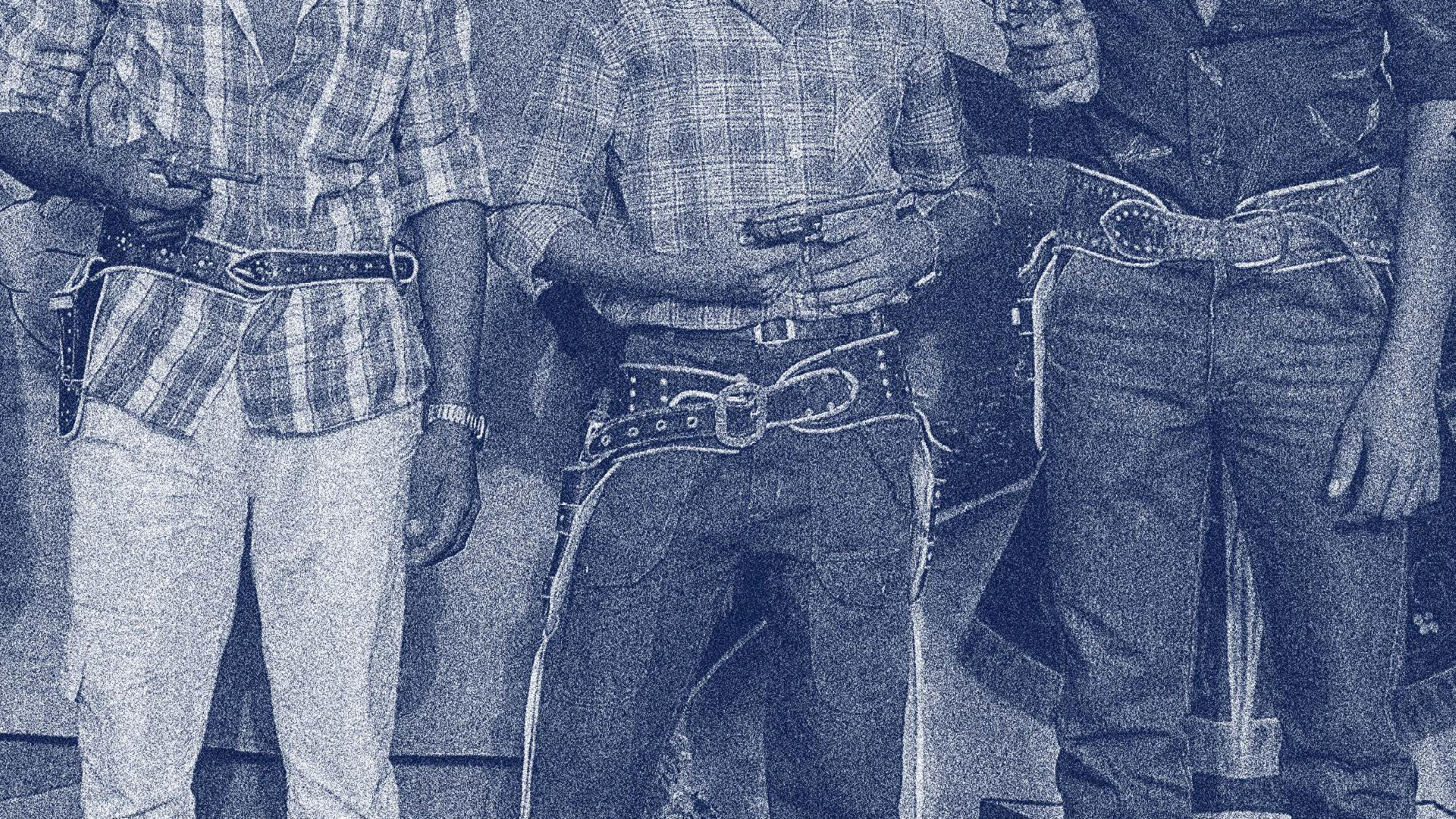
Firminópolis (GO). Vivem e trabalham em Goiânia (GO).

A dupla de irmãos conquista o público há mais de 19 anos com carisma, talento e dedicação. Radicados em Goiânia, ganharam destaque em festivais e no quadro Jovens Talentos do programa Raul Gil. Compositores e produtores, lançaram quatro álbuns e dois DVDs, com participações de artistas como Cristiano Araújo, Naiara Azevedo e Zé Felipe. Suas apresentações, que combinam música, dança e energia, animam plateias por todo o Brasil.

CÁSSIA NUNES

Uberaba (MG), 1984. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista e educadora. Experimenta a performance como lugar para a criação de encontros, fricções de desejos e atravessamentos políticos. Possui graduação em Ciências Sociais (UFU) e mestrado em Artes da Cena (UFRJ). Integra o Acocoré - Arte, Coletivos, Conexões e Redes. Artista premiada no IV Salão de Arte em Pequenos Formatos do Museu de Arte da Britânia (2024). Atua na rede estadual de ensino e desenvolve projetos de mediação cultural em instituições de artes visuais.



CHICO SILVA (FRANCISCO SÉRGIO)

Presidente Dutra (MA), 1970. Vive e trabalha em Anápolis (GO).

Artista autodidata, trabalha com desenho, pintura e escultura. Foi premiado no 16º Salão Anapolino de Artes (2010), participou de exposições como a Bienal Naifs do Brasil no SESC Piracicaba (2014 e 2018), a mostra “Brasília, a arte da democracia” (2024) na FGV ARTE no Rio de Janeiro e o “Panorama de Arte Contemporânea de Goiás” (2024) na Galeria Antônio Sibasolly. Apresentou a mostra individual “Quando a carne se faz chama” (2025) no Centro Cultural Octo Marques.

DIVINO DIESEL

Araçú (GO), 1961. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista goiano, iniciou sua trajetória aos 9 anos, entalhando madeira. Na década de 1990, especializou-se na técnica de fundição, que domina e aperfeiçoa até hoje. Sua produção abrange diferentes escalas, desde estatuetas até esculturas monumentais, e já atendeu instituições como as Forças Armadas, o Corpo de Bombeiros, a Igreja Católica, prefeituras e figuras públicas. Recentemente, realizou obras para o Tribunal de Justiça de Goiás. Suas esculturas estão espalhadas por todo o país, com destaque especial para o estado de Goiás.

DIEGO OLIVEIRA

Anápolis (GO), 1989. Vive e trabalha em Anápolis (GO).

Além de artista visual, exerce paralelamente a profissão de entregador, trabalho que influencia diretamente a sua atual produção. Sua pesquisa é um mergulho em suas vivências como entregador, investigando os espaços que o mesmo ocupa, criando obras que buscam capturar o contraste entre a rotina diária e a complexidade das relações humanas que surgem a partir do trabalho.

D. J. OLIVEIRA (DIRSO JOSÉ DE OLIVEIRA)

Bragança Paulista (SP), 1932 – Goiânia (GO), 2005.

Gravador, pintor, cenógrafo e professor. Atuou em São Paulo, Goiânia e Luziânia, lecionando na Universidade Católica de Goiás (UCG) e influenciando gerações de artistas. Estudou afresco, encáustica e gravura, técnica à qual se dedicou a partir dos anos 1970. Expôs em cidades como São Paulo, Madri, Roma e Paris. É um dos nomes centrais da arte moderna em Goiás.

ELINALDO MEIRA

Manoel Vitorino (BA), 1974. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Professor na FAV/UFG. Lidera o grupo de pesquisa Sertanias: Poéticas do Sertão. Integra o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, na linha B: Poéticas Artísticas e Processos de Criação. Doutor em Artes pela Unicamp. Suas atuais pesquisas versam sobre fotografia vernacular, monóculos fotográficos, narrativas promptográficas e sertão transbiomático. Atua como artista-pesquisador desde 1996. Sua mais recente exposição individual é Para Aquilo que se Tece.

EMILLIANO FREITAS

Tupaciguara (MG), 1983. Vive e trabalha em Goiás (GO).

Artista visual e professor no curso de Arquitetura e Urbanismo UFG – Câmpus Goiás. Suas investigações artísticas abrangem as relações entre autoficção, temporalidades e espacialidades, brincando com o real e o ficcional ao negociar as relações entre o íntimo e o coletivo. É doutor em Arte e Cultura Visual (FAV-UFG), mestre em Artes (PPGA-UFU) e Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFU).

GLAUCO GONÇALVES

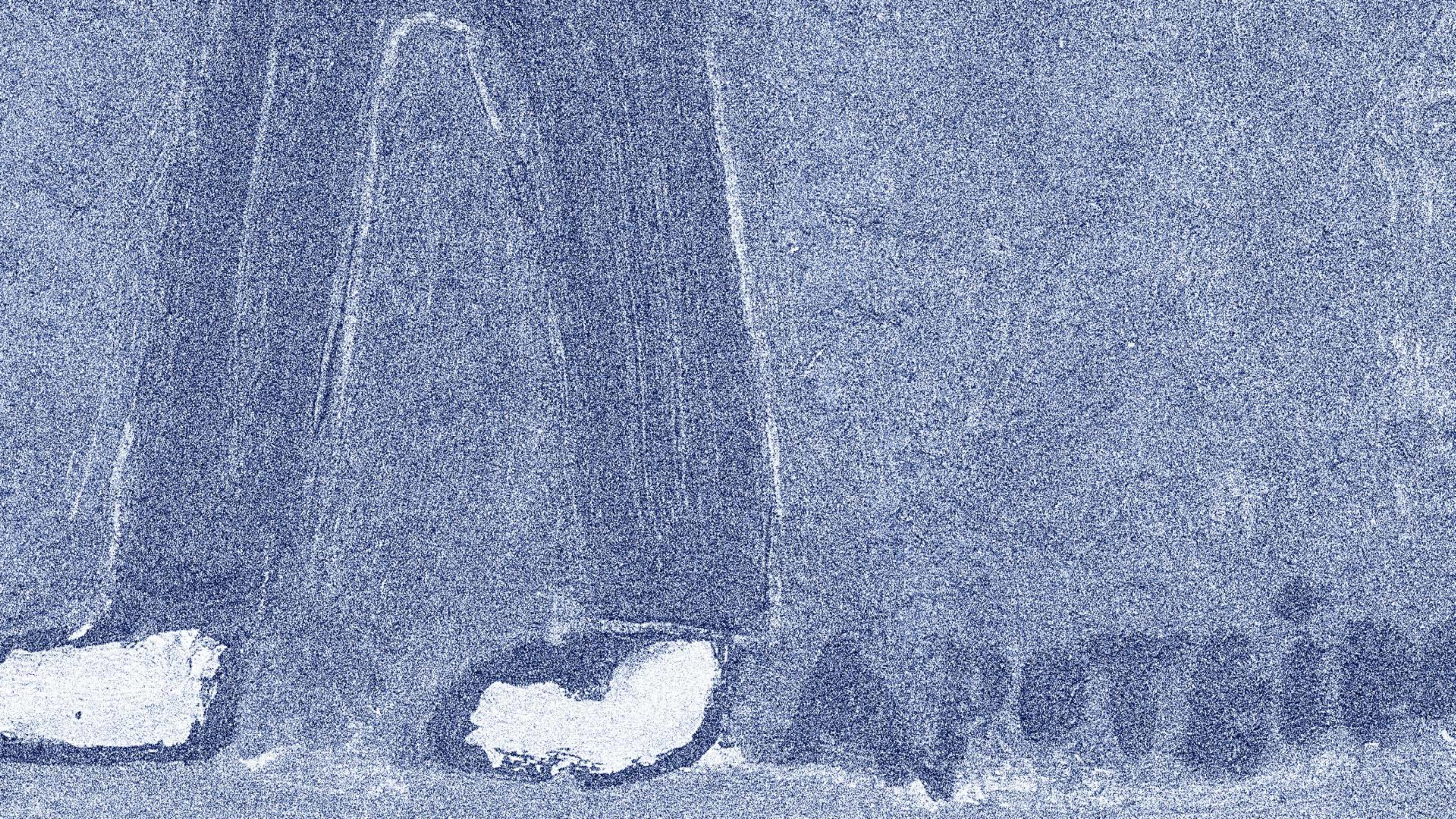
São Paulo (SP), 1982. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista visual, professor do Programa de Pós-Graduação ProCidades (FAV-UFG) e do CEPAE-UFG. Suas experimentações investigativas centram-se nos usos e disputas pela cidade. Atua garimpando pequenas te(n)sões da vida cotidiana e mergulhando entre escombros. É membro do Núcleo Interdisciplinar de Patrimônio, Artes e Memória (NIPAM) do Museu Antropológico da UFG. Fundador do Museu do Depois do Amanhã (MUDDA).

ISABELLA BRITO

Anápolis (GO), 1993. Vive e trabalha entre Anápolis (GO) e Goiânia (GO).

Graduada em Arquitetura e Urbanismo e Artes Visuais pela UFG, investiga as conexões entre objetos cotidianos, memória e paisagem rural.



MANOEL GOMES

Jequié (BA), 1927 - Goiânia (GO), 2021.

Fotógrafo e editor da Revista Rebanho, sua obra se caracteriza pelo rigor técnico e notável sensibilidade estética. Reconhecido como um dos principais expoentes da fotografia rural brasileira em registros de animais de elite, especialmente gado Nelore e Zebu. Contribuiu com fotografias editoriais para diversas publicações especializadas, como a Revista ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), O Zebu no Brasil, entre outras, consolidando significativo acervo documental e artístico para memória rural brasileira

NAZARENO CONFALONI

Viterbo (Itália), 1917 - Goiânia (GO), 1977.

Pintor, muralista, desenhista, professor e frei dominicano. Chega ao Brasil em 1950 para pintar afrescos na Igreja do Rosário, em Goiás, e permanece no país como pároco e artista. Em Goiânia, idealiza a Escola Goiana de Belas Artes e leciona na Universidade Católica de Goiás (UCG). É considerado um dos pioneiros da arte moderna em Goiás. Falece em 1977, deixando importante legado artístico e religioso.

OCTO MARQUES

Goiás (GO), 1916 - Goiânia (GO), 1988.

Ceramista, gravador, ilustrador, pintor e escritor autodidata. Criou mais de 2 mil obras em suportes variados, como bico de pena, aquarela, óleo sobre tela, xilogravura e cerâmica. Fundou a Escola de Artes Veiga Valle e a Associação Goiana de Imprensa. É homenageado no Centro Cultural que leva seu nome, em Goiânia.

PAULO FOGAÇA

Morrinhos (GO), 1936 - Goiânia (GO), 2019.

Artista plástico, engenheiro e professor universitário. Atuou com gravura, pintura, objeto e novas mídias, destacando-se por uma obra marcada pela crítica social durante a ditadura militar. Participou da 12ª Bienal de São Paulo e da 8ª Bienal de Jovens de Paris. Inovou ao incorporar tecnologias como fotografia e super-8 à arte em Goiás. Faleceu aos 82 anos, deixando um legado experimental e politicamente engajado.

PITÁGORAS

Goiânia (GO), 1964. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista autodidata com trajetória marcada por exposições no Brasil e no exterior. Participou da Bienal Vento Sul (2009), do Programa de Exposições do CCSP (2006) e da mostra “Erótica - Os Sentidos da Arte” (2005), com curadoria de Tadeu Chiarelli. Esteve no 29º Panorama das Artes no MAM-SP, que adquiriu suas obras. Integra acervos de museus e coleções no Brasil, Europa e EUA.

RAFAEL DE ALMEIDA

Goiânia (GO), 1987. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Cineasta e artista visual. Professor do curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás - UEG. Sua obra foi apresentada em festivais de cinema e salões de arte no Brasil e no exterior, com passagens pela Bienal do Sertão de Artes Visuais (2023), Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto (2024) e Salão de Arte de Ribeirão Preto - SARP (2024).

RENATO RENO

Goiânia (GO), 1984. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista visual, cofundador do Bicicleta Sem Freio e do Ateliê Coletivo RENKA. Desde 2003, participa de exposições e festivais de arte urbana no Brasil e no exterior, com passagens por Londres, Berlim, Miami, São Paulo, Nova Déli e Hong Kong. Sua obra explora a ancestralidade, natureza e imaginação, fundindo o gesto manual à linguagem digital. Integra a coleção do Urban Nation Museum (Berlim) e atualmente desenvolve a série “Família”, baseada em memórias afetivas do interior goiano.

ROBIN MACGREGOR

Camberley (Inglaterra), 1938 - Goiânia (GO), 2014.

Pintor e aquarelista britânico radicado na Cidade de Goiás. Produziu uma obra sensível e comprometida com o cotidiano e os personagens populares da região. Suas aquarelas são marcadas pela delicadeza e observação da vida simples. Em 2024, foi homenageado com uma retrospectiva no Museu de Arte de Goiânia e com a biografia assinada por Px Silveira.



ROSSANA JARDIM

Goiânia (GO), 1959. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Psicóloga e psicanalista, atua como artista visual desde 1988. Formou-se na Escola de Artes do Museu de Artes de Goiânia e em ateliês de artistas locais. Participou de exposições em diversas cidades do Brasil e nos EUA. Em 2023, integrou o programa Casa Tato 8 e foi selecionada para salões como o Waldemar Belisário, o de Mogi Mirim e o de Santa Maria, onde recebeu menção honrosa. Sua pesquisa explora o movimento, a arquitetura e novas percepções visuais por meio do foco, da cor e da composição.

SÁIDA CUNHA

Rio Verde (GO), 1941. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista plástica, colecionadora e professora com atuação decisiva na formação artística e no ensino de arquitetura e urbanismo em Goiás. Formou-se na Escola Goiana de Belas Artes, onde passou a lecionar a partir de 1964, contribuindo para a consolidação do ensino de desenho no estado. Em 1971, ingressou como professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás (UCG), onde permaneceu até sua aposentadoria em 2012.

SAMUEL COSTA

Jataí (GO), 1954 - Goiânia (GO), 1987.

Fotógrafo que cresceu em Goiânia e mudou-se para Paris em 1975, após abandonar o curso de Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Goiás. Na capital francesa, consolidou sua carreira trabalhando para revistas como Gai Pied, com uma produção marcada pelo interesse pelas ruas e pelos corpos masculinos. Voltou em definitivo ao Brasil no final dos anos 1980 e faleceu em 1987, em decorrência de complicações da Aids.

SIRON FRANCO

Goiás (GO), 1947. Vive e trabalha em Goiânia.

É um dos mais importantes artistas brasileiros contemporâneos. Desde os anos 1970, participa de exposições no Brasil e no exterior, com destaque para o MASP, MAM-SP, MAM-RJ, The Bronx Museum (EUA) e Nagoya City Art Museum (Japão). Premiado na 13ª Bienal de São Paulo, é conhecido pelo uso expressivo da matéria e por obras que abordam, com intensidade dramática e crítica, temas políticos, sociais e ambientais. Suas obras integram acervos de museus internacionais e nacionais.

TALLES LOPES

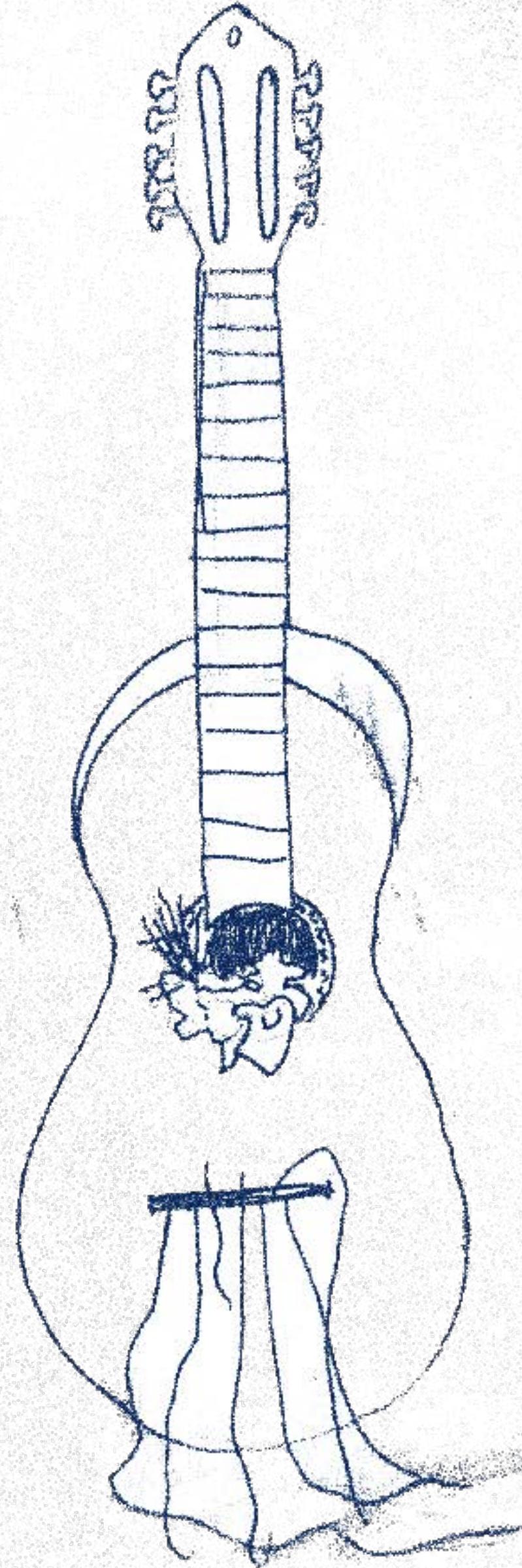
Guarujá (SP), 1997. Vive e trabalha em Anápolis (GO).

Artista e arquiteto pela Universidade Estadual de Goiás. Participou de mostras como "Histórias Brasileiras" (2022) no Museu de Arte de São Paulo (MASP), "Concretos" (2022) no Tenerife Espacio de las Artes (Espanha) e recebeu o Prêmio EDP (2020) no Instituto Tomie Ohtake (São Paulo). Foi artista residente na Delfina Foundation na Inglaterra (2022), no Proyecto URRA na Argentina (2023), no Institute for Public Architecture (2023) e The Watermill Center (2024), ambos em Nova Iorque (EUA).

VERÔNICA SANTANA

Goiânia (GO), 2002. Vive e trabalha em Goiânia (GO).

Artista visual formada em Artes Visuais pela FAV-UFG, desenvolve uma prática centrada no retrato e autorretrato, utilizando a arte como meio de preservação e evocação da memória trans. Sua produção aborda questões relacionadas ao corpo feminino, à religiosidade, à transexualidade, à regionalidade do Centro-Oeste e à animalidade da onça. A partir dessas referências, constrói um conjunto de visualidades que perpetua memórias, afetos e reflexões.



Viola quebrada, trapos, pulha e estopa e estopa



agradecimentos

Adrielly Campos

Bia Menezes

Cleandro Elias Jorge

Duda Rocha

Equipe CCUFG

Eula Bento

Fabiana Assis

Família MacGregor

Gabriela Chaves

Gisele Garcia

Gustavo Alonso

José Seronni

Júnior Luale

Keith Tito

Laboratório de curadoria

Luana Marques Otto

Luana Ribeiro

Marcos Caiado

Maria Tereza Gomes

Paulo Fernando Florentino

Paulo Rezende

Pedro Novaes

Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS-GO)

Px Silveira

Rossana Jardim

Sáida Cunha

Yuri Baiocchi





parceria:



pesquisa:



realização:

SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Mundial

Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás.
Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521 1358
<http://cegraf.ufg.br>
